

ELLORA'S CAVE PRESENTS

*Claire Thompson*



Face  
of  
Submission





## *A face da Submissão*

### *Equipe Prazer em Seduzir*

**Disponibilização e Tradução:** Rachael Moraes

**Revisora Inicial:** Vania

**Revisora Final:** Ana Sant'Anna

**Formatação:** Rachael Moraes

**Logo/Arte:** Suzana Pandora



### *Resumo:*

Kate faria qualquer coisa para agradar o seu amante dominante, Kevin. Quando ele quer convidar um antigo amante para jogar, as coisas tomam um rumo inesperado. O antigo amante é um homem chamado Mark, bissexual dominante, que está acostumado a tomar exatamente o que ele quer. Kate vai junto, não sabendo o que esperar, mas fascinada pela relação homoerótica entre os dois homens. Os homens a levam a níveis de submissão que ela nunca sonhou-se capaz de fazer. No processo, Kate tenta não ficar com ciúmes das atenções de Mark para o amante. Em última análise, Kate é obrigada a examinar a sua própria vontade de apresentar, em face do perigo crescente de um Dom fora de controle. O verdadeiro amor é provado por todos os lados quando os três amantes se reúnem em uma retorcida decisão sobre o triângulo amoroso clássico.



*A face da submissão*



*Claire Thompson*

## *Revisoras Prazer em Seduzir Comentam*

*Vania*

*O livro trata-se de uma moça que adora ser escrava e ainda por cima é masoquista (pra dizer a verdade eu não entendo como uma pessoa possa gostar de sentir dor e ser humilhada). Seu amo resolve envolver um antigo amante na relação sem saber que este tornou-se um abusador e acaba colocando ambos em perigo. Pra quem gosta do tema é um prato cheio tem até choque, mas também existe amor de verdade.*

*Ana*

*Não é o estilo que eu gosto, até me acendo com livros de dominação. Mas não suporto violência física ou mental de nenhum tipo. Não encontrei consistência nos personagens, não gostei do livro. Mas este é um julgamento muito pessoal, prefiro me abster de dar nota e que quem leia, faça o próprio julgamento.*



## *Capítulo Um*

Kate recuou, avaliando seus esforços. Acabava de arrumar uma flor para melhorar a apresentação do arranjo floral. Perfeito. A boca de dragão olhava às escondidas atrás das gardênia e dos crisântemos de Fuji, em um resplendor de amarelo e roxo, acentuados com tons de rosa. Acrescentou alguns ramos de folhas verdes e sorriu, admirando as flores que tinha colocado em um vaso de cristal fino.

Kevin queria o centro floral. Frequentemente lhe dizia o muito que amava a forma de cuidar de sua casa. Sua casa realmente, embora desde o momento em que se mudou, ele sempre se referia a tudo como deles. Kate tinha se mudado há dois meses, quando já não podia negar que tudo o que compartilhavam era mais que um assunto ocasional.

Kate ociosamente torceu o punho de couro ao redor de um pulso enquanto pensava no que preparar para o jantar de Kevin quando voltasse essa tarde. O resto de sua torrada com morango estava na pia, mas havia café quente ainda na cafeteira, e ela sabia que tomaria mais xícaras ao longo da manhã, quando arrumasse a casa e limpasse a cozinha.

Esta casa se tornou seu mundo. Embora a princípio ela pensasse que poderia, Kate não sentia saudades da carreira publicitária que tinha deixado para trás. Encontrava-se no último escalão, levando os artistas aos meios de comunicação, preparando as visitas e as aparições dos convidados nos programas da manhã.

Esta era uma vida agitada, uma vida rápida, uma que nunca se tinha adequado realmente a sua vida tranqüila. O dinheiro era decente, mas o trabalho era exigente, e seu chefe exigia que seus clientes estivessem em foco. Trabalhar dez horas por dia era muito comum, e quando ela finalmente chegava ao seu apartamento, raras vezes tinha energias para fazer muito mais que comer algo descongelado no microondas e cair na cama com um bom livro. Seus favoritos eram os romances, com um toque de perigo para a heroína.

Muitas vezes se encontrou fantasiando que era ela a que era seqüestrada em um trem em Istambul, ou tomada como refém pelo bonito e perigoso bandido. Kate fantasiava sobre estes



homens fortes e perigosos, colocando a si mesma na história, uma vez que o livro tinha caído de seus dedos e adormecia. Sua mão viajava a sua vagina nas cenas de torturas sexuais sempre cobertas com um doce romance ao final da história.

Kate era consciente de sua natureza submissa, de seu desejo de ceder sexualmente a um homem. Em pese a tudo, não tinha feito muito para encontrar esse homem na vida real. Tinha saído, casualmente, com vários homens que eram mais amigos que amantes. Algo nela esperava. Igual às heroínas de suas novelas românticas, acreditou que algum dia, encontraria o único.

Quando sua amiga Amy casualmente lhe anunciou que ia a uma festa BDSM, e convidou Kate para ir, quando a chamou, Kate ficou assustada a princípio, e a seguir intrigada.

—Uma festa de jogos? Escravidão e disciplina? Sadomasoquismo? —tinha perguntado ofegando, quando as duas jovens estavam sentadas em um restaurante jantando uma salada Ceasar e tomando vinho branco em um restaurante local.

—Sim, isso é o que inicialmente representam — disse Amy, sorrindo. Ela era a experiente das duas amigas, assistindo com regularidade às festas, e sempre levando para casa um ou dois homens para aventuras que duravam toda a noite.

Kate admirava Amy por seu nível, sua vontade de assumir riscos, e sua completa confiança em sua capacidade de conseguir qualquer homem que ela pusesse o olho. Mas isto em realidade não era o estilo de Kate. Não gostava das relações de uma só noite, ela acreditava que o romance tinha que desempenhar um papel nas coisas. Um grande pênis e um companheiro desejoso não eram simplesmente bastante, mesmo que o cara promettesse trazer algemas e chicotes, duas peças necessárias na equipe de Amy.

Entretanto, a festa parecia divertida, e estava acontecendo na casa de um conhecido de Amy, rico, champanhe fluindo, e nas palavras de Amy, todos os chicotes e corrente que poderia desejar. Embora Kate nunca tivesse sido aberta sobre suas próprias inclinações submissas, Amy falava sobre sua paixão pela escravidão, e a emoção de ser atada por seu amante.



Kate tinha chegado a compreender que não era submissa, estritamente falando. Ela era mais puro masoquismo, deleitando-se na emoção de estar atada firmemente e castigada antes de ser fodida também.

Entretanto, apenas encontrar alguém disposta a discutir a idéia de Dominação e submissão era excitante para Kate, por isso as duas mulheres que provavelmente não haveriam sido mais que amigas, reuniam-se de vez em quando para compartilhar histórias eróticas. Bem, acima de tudo, Amy compartilhava e Kate escutava, mas isso a satisfazia.

Aquela festa mudou sua vida, pensava agora, enquanto arranhava com sua mão, um ponto pegajoso sobre suas costas nuas.

Ela tomaria banho mais tarde, depois de limpar. A viscosidade era de xarope. Kevin não tinha sido capaz de resistir a sua vagina pela manhã. Quando ela tinha servido seu café, sua mão se dirigiu a seu vagina depilada, como freqüentemente fazia.

—OH, querida! —riu — sente-se o suficientemente bem para comer. Levante-se, agora da mesa, escrava, quero ir trabalhar com o sabor de sua vagina em meus lábios!

—Kevin! — riu ela, segura ao princípio de que estava de brincadeira. Mas de fato, ele falava a sério. Fez que se inclinasse para trás contra a mesa, seu traseiro descansava ligeiramente contra ele, quando ela se estabilizou sobre as pernas, e as estendeu diante dele, Kevin empurrou sua cadeira para trás e se ajoelhou diante de tal beleza, deslizando sua língua. Ele lambeu e provocou, enquanto ele tinha um rápido, mas intenso orgasmo. Gostava de escutar seus pequenos gemidos e gritos, e amava tê-la no limite do orgasmo.

Esta não tinha sido a única manhã que Kevin tinha a necessidade de provar o néctar de sua amante na mesa do café da manhã, mas muito freqüentemente ele tinha um prazer deliberado de negar sua liberação.

—Eu quero que fique quente para mim todo o dia — lhe disse enquanto ela se retorcia desesperada para gozar. E ele se afastava, enquanto limpava sua boca, e seus olhos dançando com uma sádica alegria.



—Ah, por favor — implorou descaradamente — Por favor, Kevin! Ainda estarei quente para você mais tarde, prometo. Por favor! Deixe-me ter um orgasmo pequeno, minúsculo. Por favor!

Mas ele riu, cavando a palma da mão em sua vagina quente e molhada e sacudia sua cabeça. Seu pênis pulsava contra sua calça, mas ele permanecia firme.

—Não, não. Eu tenho que esperar igual a você. Entretanto poderia te chamar mais tarde, e te deixar gozar para mim. Mas cuidado, não esqueça a tendência de Nancy de escutar acidentalmente!

Nancy era sua secretária, uma mulher de cinquenta anos que Kate conheceu em uma festa do pessoal. Nancy a tinha olhado cuidadosamente de cima abaixo, registrando uma fraca desaprovação em seu rosto antes que ela forçasse um sorriso agradável para a nova namorada do chefe.

Kate avermelhou, recordando a desaprovação de Nancy, e sua inclinação para escutar dissimuladamente. Kate recordou um tempo em que Nancy escutava atrás das portas e lhe tinha dado uma severa bronca! Kevin fazia uma de suas chamadas de brincadeira, suave e de maneira sedutora no telefone.

Ele tinha chamado ao redor de dez e meia da manhã. Kate quase não respondeu devido ao ruído do aspirador, mas tinha escutado e atendeu a tempo. Estava sem fôlego quando respondeu ao telefone, e Kevin provocou de que ela estava fazendo algo que não devia.

Quando ela tinha protestado seriamente, ele riu brandamente, assegurando que estava de brincadeira.

—Mas — disse baixando a voz — isto é o que quero agora mesmo. Quero que goze para mim, por telefone. Onde está agora?

—No dormitório. Estou passando o aspirador.

—Perfeito. Deite-se. Mas não na cama. Quero você no chão

Kate fez como ele ordenou, sua vagina já molhada pela antecipação.

Somente a idéia acrescentada de ser obrigada a gozar no chão, como um animal no cio, era degradante, mas era para Kate uma petição atraente. Kevin tinha um modo de fazê-la sentir





o fogo da luxúria. Ela se voltava puro sexo, perdendo a razão, enquanto sucumbia às ordens dominantes de Kevin. Kate sentia que Kevin tinha uma inata compressão do funcionamento da mente submissa.

Ela ainda não entendia como na verdade.

Ela obedeceu fielmente, enquanto estendia suas pernas, seus dedos já procuravam seu objetivo.

—Foda-se, para mim Kate. Goze. E me permita escutar. Quero ouvir como goza neném. Faz. Por que não põe o gordinho?

Faz bem.

O gordinho era o apelido para o vibrador a pilhas de Kate. Este não era especialmente longo, mas era grosso e flexível, de borracha suave. Kate gostava da sensação quando o escorregava dentro dela. Não era tão bom como um real, é claro, mas era melhor que nada! Especialmente quando ela golpeava o interruptor na base e começava a palpitar e zumbir.

Ela não necessitou mais convite. Abrindo sua gaveta da mesinha de noite, Kate pegou o gordinho da pequena bolsa de seda onde o tinha, e dirigindo-o para baixo, pressionando a ponta contra sua úmida fenda. Consciente de que necessitava um pouco de lubrificação extra, lambeu o eixo de borracha e, em seguida, o colocou novamente em sua vagina, pressionando devagar antes de acender o interruptor.

—Está nisso, querida? — perguntou Kevin. Ela podia ouvir que ele também estava ligeiramente sem fôlego e se perguntou se sua mão estaria em suas calças, e as costas para a porta fechada do escritório.

—Sim, OH sim! —afirmou Kate, quando ela conectou o pequeno motor, e sentiu as vibrações que pulsavam dentro dela. Moveu o vibrador dentro e fora, gemendo ruidosamente. A princípio o fazia pela ordem, para fazer feliz ao Kevin e lhe mostrar como estava excitada. Mas logo se esqueceu da ordem. Logo recordou o telefone, seguro entre o pescoço e o ombro, quando se esfregou com uma mão e se fodeu com a outra. O consolo era tão grosso e a enchia tão bem!



O prazer era quente e urgente dentro dela, que gemeu o nome de Kevin, desejando que estivesse ali com ela.

—Golpeie a si mesma — sussurrou Kevin. Ela obedeceu, sabendo o que ele queria. Às vezes, quando Kevin jogava com ela, atraíndo um orgasmo com seus dedos, ele alternava entre uma bofetada, e logo esfregava sua vagina. Ela adorava o brusco contato de seus dedos duros, que se dissolviam em puro prazer, pela intensidade da picada do golpe.

Ela tirou o consolo agora liso e molhado e aplaudiu sua própria vagina com sua mão livre, o som ressoou no tranqüilo dormitório.

—Uma vez mais — seu mestre ordenou e ela obedeceu.

Necessitando muito, ela pressionou o pênis de borracha de novo em sua vagina e começou a foder-se a sério. Seus gemidos e gritos já não eram para a audiência do telefone, mas saíram de seus lábios quando ela cavalcou mais e mais na crista de seu clímax.

—OH, Deus! — gritou.

—Goze para mim — ordenou Kevin, com sua respiração trabalhosa e tensa enquanto se obrigava a calar a si próprio.

Kate pistoneava a duro o vibrador dentro dela, seus dedos dançando grosseiramente sobre seus clitóris, seu corpo se arqueou em cima do tapete. Entretanto manteve o telefone em sua orelha; isto era, depois de tudo, para seu homem. Quando finalmente sua respiração se tranqüilizou, ouviu um clique. Alguém acabava de pendurar um telefone.

—OH, Meu deus! — sussurrou, o esgotamento pelo prazer de repente desapareceu—. O que foi isso?

Kevin riu, logo disse:

—Deve ser Nancy. Ela sempre utiliza minha linha, em vez da dela. Deve estar chateada! —ele pareceu achar engraçado, mas Kate ficou chocada e, em seguida, irritada. Ele zombou um pouco dela, dizendo que não se preocupasse.

—Trabalha para mim, não ao contrário! O que faço por telefone não é da sua conta! Não se atreverá a dizer uma palavra, não se preocupe. Ela provavelmente está no banheiro agora mesmo, com as calcinhas nos tornozelos e sua mão enterrada em sua virilha!



Kate achou a imagem ao mesmo tempo repugnante e divertida. E tinha rido apesar de si mesma. Kevin lhe disse então quão formosa, bela e sexy era. Mais calma desligou, e retornou com o aspirador, cantarolando alegremente enquanto trabalhava.

Agora era uma dona-de-casa, supôs, embora eles não estivessem casados e até agora nunca tivessem mencionado essa possibilidade.

Não sentia saudades de sua vida cotidiana de antes no mundo, embora soubesse que esta vida mimada que levava não poderia durar para sempre. Estava agora, entretanto contente e profundamente satisfeita, ainda que fosse só considerada uma dona-de-casa. Olhou para baixo, a seus seios nus. As correntes de ouro pendiam de seus mamilos refletindo indiretamente a luz do sol dourada que entrava pela janela. Não, pensou para si mesma, sorrindo, mais que uma escrava doméstica. Só a palavra sussurrada em sua cabeça enviava calafrios de prazer através de seu corpo jovem. A festa que havia assistido com Amy, tinha excedido suas expectativas mais selvagens. Não eram os escravos, moças e moços nus, ou Amos e Amas vestidos com couros negros, esportivas e chicotes curtos a seu lado. Aquele material era sobre tudo para exibir, e entendeu que se tratava de um jogo para a maioria dos convidados lá naquela noite.

Não, tinha sido o homem de pé que estava em uma dos muitos bares, com uma taça de champanhe estriada em sua mão, que casualmente estava falando com uma mulher com um bustiê e com saltos agulha. A seus pés, um jovem escravo lambia seus sapatos de couro vermelho, enquanto ele ignorava completamente.

Quando o homem, que mais tarde iria ser apresentado a ela como Kevin, de repente olhou em sua direção, foi como se algo chispasse entre eles. Era igual aos seus romances piegas! Quando seus olhos se encontraram, de repente Kate deixou de escutar a música da banda brasileira que estava tocando junto à bem iluminada piscina. Nem escutou as muitas conversas que tinha ao seu redor. Viu através da multidão das pessoas reunidas em grupos de casais ou trios. Literalmente, só tinha olhos para ele.

Isto só durou uns segundos, até que piscou, mas para Kate, seu coração se perdeu nesse momento. Ou se encontrou. Sua conexão tinha sido imediata e com tanta intensidade como nunca.



Quando ele se aproximou uns minutos mais tarde com um conhecido mútuo, de algum jeito se entendeu entre eles, que deixariam a festa juntos.

Desde esse dia, eram inseparáveis. Quando lhe pediu que morasse com ele em sua casa, ela não hesitou nem um minuto. E embora eles não falassem do futuro, o presente era tudo o que Kate queria, contanto que incluísse Kevin.

Desde sua primeira interação, Kevin deixou claro que ele era o mestre, e que ela seria sua escrava. Mas a conexão era de carinho, romance e ternura. Entendia-se que pertencia a ele, em todos os sentidos, e isto satisfazia a ambos.

Não era uma relação asfixiante, entretanto, não em tudo. Embora Kevin fosse possessivo, nunca se comportou com ciúmes, ou limitou suas amizades ou o tempo que passava fora de casa. Ia onde queria e quando queria. Ela descobriu que o que mais gostava era de estar com ele, ou estar ali para ele, quando chegasse em casa de um longo dia de trabalho.

Isto era uma conexão romântica, não havia nenhum severo encarregado de açoitá-la até fazê-la sangrar. Nem dormia em uma jaula em um armário, sempre com correntes. Kevin havia dito a Kate sobre algumas pessoas que ele sabia que viviam este modo de vida, mas isto não era para ele. Não, o que havia era mais um serviço de submissão. Kate servia a seu amo, seu amante, através de obediência sexual e sessões de torturas brincalhonas e jogos. Estes jogos invariavelmente terminavam em um amor apaixonado entre ambos que os deixavam felizmente adormecidos nos braços um do outro.

Kate tinha um profundo e intenso prazer em servir a seu senhor e mestre, de joelhos e nua na porta, com sua cabeça para baixo, quando ele chegava em casa do trabalho.

Ele tocava a parte superior de sua cabeça, o que indicaria que devia ficar de pé, e ela se levantaria com graça, enquanto elevava seu lindo rosto para um doce beijo, com seus olhos fechados esperando o êxtase. Às vezes ele apertava seu ombro, um sinal de que ela devia ajoelhar-se completamente para baixo, tocando o chão com sua cabeça.

Isso sempre fazia empapar a sua pobre vagina, quando sabia que isso prometia uma surra. Kate adorava o chicote, havia chegado a implorar. Kevin tomava o instrumento que ela





havia escolhido durante o dia e o usaria em sua encantadora pele cremosa até que ela gemesse e se retorcesse nas garras da deliciosa combinação de prazer e dor erótica.

Ter que escolher um instrumento de sua amorosa tortura dava uma emoção especial. Cada noite ela devia esperar nua e de joelhos, com exceção das algemas de couro que nunca deixavam seus pulsos, com um chicote, palmatória ou uma vara a seu lado. Ele podia escolher utilizá-la ou não, dependendo de seu capricho. A antecipação era quase tão deliciosa como a entrega real.

Essa noite Kate estava de joelhos, seu cabelo brilhante castanho avermelhado caía em bonitas ondas sobre seus ombros nus, quando raspou a fechadura e Kevin entrou, só seus sapatos de couro estavam em sua linha de visão. Ela sentiu sua mão sobre a cabeça e ela se levantou esperando seu beijo.

Ele a beijou, superficialmente, ela pensou com pequeno flash de irritação. Normalmente seu beijo a consumiria, enquanto acendia um fogo sob seu ventre que não se apagaria até muito mais tarde essa noite, depois de um jantar fino, conhaque e um doce e apaixonado amor.

Mas Kevin tinha algo a dizer e estava muito excitado para calar a notícia.

— Kate! Mark está na cidade! Mark Lewis! Ele vem para passar o fim de semana conosco, logo que acabe suas reuniões na cidade. Mark! — sorriu abertamente, um sorriso ligeiramente inclinado, mas totalmente sincero que sempre derretia o coração de Kate. E, entretanto, suas palavras causaram um toque de ansiedade, embora rapidamente o esqueceu. Mark Lewis era um velho companheiro de universidade de Kevin. Mas mais que isso, era seu antigo amante.

Kevin tinha compartilhado, em certos detalhes, suas aventuras sexuais na universidade, a respeito de suas explorações homossexuais, e sua história de amor com o emocionante e perigoso Mark.

Mark e Kevin eram ambos bissexuais, embora Mark se inclinasse mais para o extremo gay, enquanto Kevin atirava para ambos os aspectos. Kevin havia dito a Kate que embora gostasse de jogar com outros homens, só com uma mulher poderia ter uma significativa e duradoura conexão emocional.



Kevin tinha vacilado a falar sobre isso no princípio, mas Kate tinha lhe assegurado que não o julgaria, ou o acharia menos desejável devido a suas passadas relações gays. De verdade, ela estava fascinada, e desejosa de entender o que motivava um homem como Kevin, um homem que era dominante com as mulheres, a render-se sexualmente a outro homem.

—Bem, você sabe — tinha explicado — que há uma coisa chamada interruptor. Onde você pode ser dominante com algumas pessoas, mas submisso com outras. A maioria das pessoas são como você, Kate, escolhem um caminho ou outro, submisso ou dominante.

Ele riu um pouco e comentou:

—Como a maioria das pessoas, que são heterossexuais ou gays, suponho, mas também, nesse caso entro eu. Principalmente meus impulsos são dominantes, e sempre são com mulheres. Essa é só a maneira em que estou moldado. Mas com alguns homens, assim, como com um homem em particular, eu sempre fui submisso. Em realidade não fui com muitos homens, realmente. Acredito que era mais ativo em meus selvagens dias universitários, que é quando encontrei Mark. Inclusive antes que nossa relação se fizesse sexual, ele era definitivamente a força dominante. Ele era o ativo e eu era mais passivo. Ele era o tipo popular, acho que se pode dizer, e eu era seu companheiro. Funcionou para os dois, e quando isto se tornou uma relação sexual entre nós, naturalmente também se estendeu a este aspecto de nossa relação.

Ele fez uma pausa, olhando na distância, como se recordasse aquele tempo.

—Para mim isto foi mais ou menos divertido. Era atrevido e exótico, tanto a parte gay, como a D/s. Para falar a verdade, Mark estava mais metido nisso que eu. Mais em mim, pode-se dizer — Kevin sorriu, olhando um pouco envergonhado e continuou — quero dizer não me interprete mal, eu sempre pensei que era um grande tipo, mas, como expliquei a ele, eu jamais poderia me unir dessa maneira com outro homem. Não é uma parte de minha natureza.

Acariciando a bochecha de Kate com ternura, disse-lhe:

—Não, minha natureza é estar com uma mulher. Aí é onde reside meu coração. Contigo, Kate, minha formosa e perfeita mulher.



Kate sorriu ainda intrigada com sua bissexualidade, mas caiu para deixar morrer a conversa, quando os dedos de Kevin se arrastaram pescoço abaixo, a seus mamilos e passando por seu ventre, ao centro doce e quente dela.

—Falemos de Mark mais tarde —murmurou ele, enquanto beijava seu pescoço, e Kate esteve de acordo em que era uma boa idéia.

Ela comentou de novo, entretanto, quando estavam metidos na cama, e cada um com um livro apoiado contra seus joelhos. Na teoria, Kate tinha achado a idéia dos flertes homossexuais de Kevin bastante excitante. Na teoria, o pensamento de dois fortes e sexy homens encerrados em um sensual abraço varonil era muito erótico para ela. Em teoria. Mas agora, ante a perspectiva muito real de encontrar-se com o antigo amante de Kevin, seu amante masculino, Kate se sentia confundida, inclusive talvez ciumenta.

Onde encaixaria ela com este homem?

—Ele vem este sábado. E ficará o fim de semana. Quero que tudo esteja perfeito. É obvio os lençóis mais finos para a cama de convidados, e flores frescas em cada quarto. Por que você não faz esta truta recheada de cogumelo tão deliciosa que faz? Ele vai amar! E possivelmente como aperitivo poderia fazer as alcachofras ao molho, que eu gosto tanto. E a sobremesa, vejamos — olhou para o teto, como se a idéia estivesse escrita ali. Ao que parece estava, quando disse — Sim, torta de chocolate e framboesa, o que acha?

Kevin sorriu para sua escrava, a face iluminada de entusiasmo.

Kate sufocou um impulso ciumento. Realmente gostava de cozinhar para convidados, e eles não tinham tido convidados há algumas semanas. Não era normal que Kevin sugerisse o cardápio, mas Mark era obviamente um amigo muito especial.



## *Capítulo Dois*

Sábado chegou, em vez de dormir até tarde, como sempre fazia nos finais de semana, Kevin se levantou as seis, e já trabalhava na sala de ginástica, quando Kate espiou na sala. Ela vestiu um robe de seda pura, que era o que Kevin a deixava usar quando não estava completamente nua. O robe acentuava a nudez debaixo dela, em vez de cobri-la, mas se acrescentava um mínimo de calor nesta refrescante manhã de setembro. O verão se aproximava de seu fim. Kate segurou o robe ao seu redor, e olhou em silêncio ao Kevin durante um momento.

Ele já estava exercitado, e tinha uma capa fina de suor e seus finamente musculosos peito e ombros estavam esticados sob o peso de muitos quilos de aço. Kate admirou seu torso magro e longo, enquanto apreciava pela milésima vez seus afinados músculos. A diferença de alguns homens, que se centram só nas extremidades superiores, Kevin tinha também umas pernas finas e fortes com músculos sólidos e esculturais.

Kate lambeu seus lábios quando ela olhou seu amante, enquanto anulava o sentimento de inquietação. Em vez de dormir, ele estava polindo-se para Mark. Ele examinou Kate e um sorriso apareceu em seu rosto.

—Hey, preguiçosa! Enfim decidiu tirar seu doce traseiro da cama não é? Quase terminei aqui. Espere-me um segundo e pode se reunir comigo na ducha. Deixa cair o robe, e me deixe ver a perfeição enquanto termino aqui.

Rindo timidamente, Kate deixou cair o robe. Seu corpo magro, com seus quadris estreitos e pernas esculturais quase infantis, se salvavam por seus exuberantes seios. Ela sentia seus mamilos, apertarem-se contra as barras douradas que tinham furado sua carne no mês passado.

Kate tinha se assustado, realmente assustado. As agulhas a aterrorizavam. E ainda, apesar daquele medo, ou possivelmente parcialmente devido a isso, ela estava profundamente intrigada pela idéia de Kevin perfurar seus mamilos e deslizar as jóias de ouro que ele tinha mostrado através de seus mamilos.





A princípio ela havia dito não, com a mão. Ele havia exposto a idéia de perfurá-la, e ela havia dito não, acabou-se. “Odeio agulhas” explicou. “Só de pensar me põe doente! Nunca permitirei me fazer isso, assim esquece. Esquece! Fim da história”.

Ele sorriu, erguendo suas sobrancelhas ligeiramente. Não lhe recordou sua promessa de lhe obedecer em todas as coisas, e seu suposto desejo de sofrer por ele. Ele entendeu que isto estava fora do âmbito de seus jogos sexuais. Se Kate dizia que não, isso era tudo.

Mas a idéia tinha rondado sua mente durante dias. Kevin não disse nenhuma outra coisa, e ainda assim a idéia seguia sussurrando, e tomando forma em sua cabeça. Inclusive foi a Internet, procurando sites para aprender mais sobre isso.

Os testemunhos que leu em diversos sites de piercing eram muito distintos, “A pior dor que experimentei” ou “Só um leve beliscão”. Não sabia o que pensar. Olhou a pequena equipe para piercings que podia pedir para fazê-los em casa. Kevin disse que gostaria de ser o único a fazer. Ele tinha feito isso antes, disse a ela, duas vezes, mas nunca para um amante. Tinha feito antes para seus amigos em algumas festas, porque ele não tinha problemas com agulhas absolutamente, e tinha uma mão firme. Se fosse fazer, que não era o caso disse a si mesma, preferiria que Kevin fizesse, e não em uma sala sórdida, expondo a si mesma em alguma cadeira de dentista recondicionada, esmurrada por um punk com língua furada e um monte de tatuagens. Kevin não falou de novo. Havia dito que ela poderia mudar de idéia, e sentir-se livre para investigar, ou lhe perguntar algo sobre isso. Não era importante, tinha-lhe assegurado, enquanto a beijava na testa.

Kate não prosseguiu com o assunto, mas se sentia incomodada. Era a primeira e única vez que lhe havia dito não. Havia se prometido que sempre ia obedecê-lo, isso a emocionava e encantava fazer, assim por sua natureza submissa, e também o agradava enormemente. Eles eram como estavam acostumados a dizer, um ajuste perfeito. Agora parecia um novo buraco por sua recusa, que os deixou ligeiramente fora de alinhamento.

De todo modo reconhecia que não insistia, nem a pressionava. Antes de ver-se envolta em uma relação complicada com um homem dominante, tinha umas idéias vagas sobre o D/s



que obrigavam a submeter-se a todo tipo de coisas terríveis e degradantes, inclusive coisas perigosas. Ela, como muitos, confundia a submissão com abuso.

Kevin não era assim, e de fato, com grandes esforços lhe assegurou que todos aqueles que se comportam assim eram pouco mais que uns valentões. “A beleza disso, o que dá o poder da submissão, é que é consensual. É um pouco devotado, não é fácil necessariamente, mas sim livremente. Essa é a essência de uma relação D/s amorosa. Pelo menos em meu livro! Então tinha rido, enquanto parecia ligeiramente envergonhado. Kevin tendia a subir num palanque, quando falava da submissão consensual. Odiava as posturas que tantas vezes viu jogar nas sessões de jogo, com homens tolos exigindo que seus escravos sem valor se submetam a alguma tortura na sessão ou outra coisa. Podia ser como um jogo, mas Kevin disse que ele achava insultante.

Em quantos aos piercing dos mamilos, Kevin tinha sido inteligente. Ele tinha feito com Kate como muitos Dom antes dele, que era introduzir primeiro a idéia em seu submisso e depois lhe deixar para refletir. Embora ela não mencionasse, ele era consciente de que ela tinha ido a Internet comprovar sites de piercing. Viu-a umas quantas vezes, quando pensava que não era observada, tocar-se os mamilos, beliscá-los, enquanto olhava fixamente na Internet.

Uma coisa que ele fez uma manhã foi deixar na mesa de jantar uma caixa de uma joalheria, pouco antes de ir para o trabalho.

Kate saiu da cozinha onde esteve lavando os talheres para beijá-lo e dizer adeus, com um beijo prolongado. Tomou a pequena caixa de veludo de sua maleta, quase quando estava na porta. “Ah” disse, fingindo inocência, “quase me esqueci. Consegui isto outro dia. No caso de um de nós querermos algum dia”.

Ele pôs a caixa pequena na mesa, ao lado de um dos formosos arranjos florais de Kate, este de girassóis e malmequeres. Depois dele ter partido, Kate se aproximou da caixa e a abriu, como claramente ele tinha pensado que ela faria.

Dentro havia um par de barras de ouro, apenas mais grossos que um clipe, se fosse aberto. Eram de um ouro muito fino, com um ligeiro matiz rosado. Cada extremidade terminava com um pequeno diamante, posto em um parafuso de bola, para que pudessem ser



tirados. Pendurando de cada pequena barra havia uma delicada corrente de ouro com um pequeno coração de diamante no centro. Quando Kate puxou a joia de seu mamilo, os pequenos diamantes brilharam e refletiram a luz da manhã que entrava pela janela.

Kate estava encantada. Tinha visto fotos de joalheria de mamilo, mas tinha sido simplesmente as barras de pesos normais, de prata ou aço, ou aros pequenos ou ferraduras. Isto era claramente uma jóia fina e preciosa. Poderia dizer que o ouro era de qualidade, provavelmente vinte e quatro quilates, e os diamantes, embora fossem pequenos, eram verdadeiros e finamente cortados, brilhando em sua mão.

Ela levou a jóia ao banheiro e se despiu diante do espelho, enquanto posava desta maneira e sustentando as barras contra seus mamilos como se elas já tivessem sido inseridas. Cuidadosamente desparafusou um dos broches dos pequenos diamantes, enquanto imaginava essa barra fina de ouro inserida através de seu mamilo.

Bem, pelo menos com estes parafusos diante do broche, não eram permanentes. Ela poderia tirar a jóia sempre que quisesse. Isto deu conforto a Kate, e então se assustou, porque compreendeu que já estava pensando de certo modo no significado de que tinha decidido fazê-lo.

Ela estava contente de que tivesse escolhido ouro, que faziam jogo com seu cabelo castanho vermelho acobreado e seus olhos de cor marrom escuro e, é obvio os diamantes nunca estavam fora de lugar! “Você está louca”. Disse em voz alta a si mesma no espelho. Tomando as jóias, as colocou cuidadosamente em seu ninho de veludo, que deixou sobre a mesa e se dirigiu ao computador em busca de mais informação.

Naquela noite, a caixa estava ainda onde Kevin a tinha deixado.

Se ele notou, não fez nenhum comentário. Tampouco Kate. Serviu-lhe um jantar encantador, como sempre, e a pequena caixa posta perto das flores, aparentemente ignorada. Mas mais tarde aquela noite, quando Kevin estava em cima dela, seu pênis pressionando profundamente em seu interior e segurando suas mãos acima de sua cabeça sobre a cama, Kate sussurrou: “Acho que eu quero”



Kevin não respondeu a princípio. Ela nem sequer estava segura de que ele tinha escutado, tão concentrado estava em seu corpo suave respondendo a seu corpo, ele se moveu com lentidão, levando a ambos a uma doce entrega, mas ele fez uma pausa depois de um momento e lhe sussurrou:

—Você quer o que?

—As jóias. Quero que o faça. Já sabe.

—Diga-o.

—Ah, Kevin.

—Se não pode nem mesmo dizer, então certamente não está preparada. Dê tempo amor.

Temos todo o tempo do mundo.

Ele a tomou então, não mais devagar e docemente, mas ásperamente, mordendo seu pescoço quando a dominou, fodendo-a até que ela gritou em êxtase, enviando a ambos por cima de seus limites.

Foi Kate quem conseguiu o kit. Encontrou um na Internet que parecia seguro e fácil de usar. Este não era mais barato, mas tampouco era mais caro. Parecia ser simplesmente, o melhor, e os testemunhos dos usuários prometiam resultados excelentes e seguros. Uma noite ao redor de uma semana depois de que ela tinha insinuado que gostaria da perfuração, ela apresentou o kit ao Kevin. Como sempre, ela estava ajoelhada nua perto da porta dianteira, ansiosa por sua volta. Mas esta vez, em vez de um chicote ou uma vara, havia um pequeno pacote que continha agulhas, rolhas, braçadeiras e outros elementos aparentemente necessários, tudo firmemente envolto em plástico transparente.

Passou um momento antes que Kevin o notasse, mas quando o recolheu, soube em seguida o que era. Entretanto, ele brincou com Kate um pouco, enquanto esta se ruborizava, quando ele exigiu:

—Ah, E que temos nós aqui? Como isto chegou aqui? Sei que minha jovem escrava não o terá pedido! Ela está aterrorizada com as agulhas. Não há maneira que minha Kate permita em sua vida furar seus mamilos. Fim da história.

Kate riu envergonhada, e deu um golpezinho no braço de Kevin.



—Basta bastardo! Não se faça de louco! Eu o quero. Tenho estado investigando, como disse. Acredito que são formosos. E eu gosto do simbolismo disso, que você me fure, que me marque permanentemente, e me adorne com diamantes e ouro, igual a algumas antigas escravas de um harém, adoradas pelo rei. Você é meu rei.

Sussurrou as últimas palavras, envolvendo seus braços ao redor dele, seu corpo nu contra seu fino paletó.

Essa noite Kevin atou Kate contra a parede no quarto de jogos. Tinha painéis acolchoados em uma porção da parede para as sessões de jogos. Kate estava presa contra aquela parede, que tinha ganchos fortes colocados estrategicamente nela. Foi amarrada com um colar de couro ao redor de sua garganta, assim como por seus pulsos e tornozelos.

Não estava atada ainda, mas já despertou ser encadeada deste modo, atada à parede como uma prisioneira em um calabouço. É obvio a diferença de um calabouço real, em lugar de ser cruelmente golpeada e de passar fome, lá estava ela brincando e adorando, e a tortura era um prazer delicioso. Devido a seu medo pelas agulhas, muito real, Kevin lhe enfaixou os olhos com um pedaço comprido de seda vermelha que ele guardava para esse fim. Ela tinha perguntado se poderia deitar-se, mas Kevin explicou que queria que as jóias descansassem naturalmente contra ela, e seu seio mudaria de posição se ela deitasse.

Ela entendeu, e agora estava de pé, atada contra a suave parede, necessitada ante seu amo. Suas pernas estavam estendidas extensamente, e os dedos de Kevin estavam jogando contra seu sedoso sexo nu, desenhando a umidade dela, elevando-a e fazendo-a gemer com sua necessidade. Seus mamilos estavam inchados e inflados. Isto a faria mais sensível à espetada da agulha, mas essa sensibilidade se compensaria com sua excitação. Ela realmente o queria agora. Não só queria render-se a sua vontade, ou ter os resultados das jóias. Queria o piercing.

Queria submeter-se ao Kevin, sentir a espetada seguida da jóia quando ele a pusesse em seu lugar, marcando-a de uma nova, e bonita maneira, como pertencente a ele.

—Toma — disse Kevin, pondo um copo de conhaque nos lábios de Kate. Ela tomou um gole do mesmo e logo outro. Que queimou docemente em seu peito.





—Está pronta querida? —perguntou Kevin, enquanto sustentava a agulha perto de seu seio. Kate, vendada, concordou, lambendo os lábios e respirando fundo.

—Está bem — disse Kevin — profundo e lento. Simplesmente respira profundo e lento. Vou dizer quando vou fazer, mas segue mantendo a respiração profunda e lenta. É muito rápido.

E assim tinha sido. Tinha doído, não tinha se enganado. E o segundo tinha doído mais que o primeiro, provavelmente porque ela esperava a espetada. Poderia ter desmaiado, caindo ao chão, se não tivesse sido pelas ataduras de couro do pescoço, pulsos e tornozelos. Mas tinha suportado, e sentia um orgulho maravilhoso correndo por suas veias quando Kevin anunciou que estava feito.

Em vez de soltá-la em seguida, Kevin fez amor a seu perfeito corpo durante alguns minutos, beijando sua pele, saboreando sua doçura, fazendo uma pausa durante um longo tempo em sua fenda. Ele não se deteve até que ela esteve rogando permissão para gozar. Ele permitiu, sustentando-a contra a parede quando ela estremeceu e puxou suas cadeias.

Só então ele a deixou, rapidamente desabotoou as correias que a sustentavam, tomando-a brandamente em seus braços. Levou-a ao banheiro, onde ambos se maravilharam pela forma em que o ouro brilhava contra seus seios. Os mamilos estavam de uma cor vermelha escura, como se ruborizassem do que haviam feito. Kate estava encantada. Agora entendia em um nível íntimo o que significava quando diziam: o verdadeiro submisso era valente.

Ela se sentia tão valente como um cavaleiro! E só por haver feito frente a seus próprios medos, sentia-se poderosa.

Os mamilos de Kate estavam ainda muito sensíveis uma semana depois. Nem sequer podia suportar o mais ligeiro toque de Kevin contra ela. Mas sanaram rapidamente, ajudados por um bálsamo consolador que tinha vindo com o kit. Agora gostava das barras dos mamilos, fazendo-a sentir feminina e vulnerável.

Muitas vezes ao dia fazia uma pausa em seu trabalho para examinar a formosa jóia em seus mamilos. Amava sobre tudo a forma em que a delicada corrente de ouro pendurava debaixo de cada mamilo, balançando-se brandamente contra seus seios quando ela se movia.



Os pequenos corações de diamantes capturaram a luz, refletindo suas múltiplas facetas.

Kevin adorou os anéis também. Ele quis que ela se sentasse nua na mesa, mais perto do que geralmente fazia então ele podia tocar e acariciar as jóias, provocando seus mamilos excitados com apenas um toque. Com somente fazer isto, que o tinham feito juntos, os piercing tinham aprofundado sua relação. Kate realmente se rendeu ao Kevin, enquanto fazia algo que a assustava, porque ele pediu a ela.

Agora, quando eles faziam amor, Kevin mordida e jogava com seus mamilos, enquanto puxava brandamente as correntes com os dentes. As barras pequenas descansavam comodamente através dos mamilos de Kate, se torciam e se moviam quando ele fazia isto. Kate confiava em Kevin completamente, e, entretanto, a pequena emoção de perigo, o perigo de que poderia puxar muito forte, em realidade incrementou a intensidade da experiência sexual.

Agora, deixando cair seu peso, de pé só com a cueca, Kevin olhava fixamente com apreço a sua amante, descendo pela linha do ventre liso e duro, seu monte depilado, nu.

—Mostre-me sua vagina, escrava — disse com voz severa, mas seus olhos brincalhões. Ruborizando-se, mesmo que lhe ordenava isto várias vezes ao dia, e já deveria estar acostumada, Kate obedientemente estendeu suas pernas, arqueando-se ligeiramente para que pudesse jogar uma olhada aos lábios de sua doce vagina entre suas pernas. Poderia ver a umidade que sua ordem havia provocado?

Kevin foi limpando o suor de sua testa com uma grossa toalha branca. Juntos foram ao banheiro grande, do amo, onde Kate abriu os grifos, e a água correu pela ducha. Kevin tinha uma ducha especialmente desenhada. Esta não só continha a ducha tradicional, mas sim também tinha grifos em três lados da parede que era bastante grande para acomodar aos dois.

Entraram juntos, Kate se ajoelhou como era seu costume, e preparou-se para chupar o pênis de seu amante até que este fosse uma pedra dura. Então pegava o sabão, ensaboava e lavava o corpo e o cabelo, para seguir chupando-o até que explodisse em sua boca e, continuando, e só então, lavava a si mesma.

Para sua surpresa, Kevin a puxou em cima de seu braço.



—Hoje não, carinho. Hoje tenho que me reservar para o Mark! E você também tem que te reservar. Nada de sexo, ou ao menos nenhum orgasmo, até esta noite em sua presença.

Reservar-se para o Mark! O mal-estar e o ciúmes floresceram em Kate como uma flor quando replicou:

—Me reservar para o Mark! Jesus Kevin pensei que ele era um assunto de quinze anos atrás, não seu maldito amante! — imediatamente mordeu seu lábio e olhou longe. Ela nunca nos três meses que levavam juntos lhe tinha levantado a voz, ou protestado por qualquer ordem sexual ou de outra índole.

Kevin a olhou envergonhado. Ele se sobressaltou pela veemência de seu estalo e surpreso por seu comportamento decididamente insubmisso. Mas então devagar começou a rir e agarrou Kate com cuidado entre seus braços.

—Katie, neném. Gatinha. Eu acredito que está ciumenta.

Ela começou a protestar e a pedir desculpas, mas ele a cortou pressionando-a perto de seu peito, deixando que a água quente os orvalhasse por cima dos dois.

—Carinho, por favor, por favor, não tenha ciúmes! Sim eu estou entusiasmado, inclusive nervoso, pela chegada de Mark. Verá eu não contei tudo — Kate se esticou, aqui vem. Ele ia deixá-la pelo Mark.

Kevin continuou inconsciente de sua profunda insegurança.

—Sim, Mark e eu nos conhecemos na universidade, mas temos sido sempre amigos, e vemos um ao outro talvez uma dúzia de vezes após, sempre que ele passa pela cidade. Disse-te como Mark e eu jogamos certo? Mas não te disse todos os detalhes. Você sabe que é minha linda escrava submissa? Bem, eu era dele. Seu brinquedo. Seu submisso.

Kate riu, apesar de suas dúvidas. Embora lhe houvesse dito antes, de que era submisso com homens, essa idéia não encaixava com sua noção de Kevin como um homem forte e dominante. Sentindo sua incredulidade Kevin explicou:

—Isto era um jogo, certamente. Nada como o que temos. Em primeiro lugar, eu estava começando a explorar meu interesse e paixão pelo estilo do D/s e jogos BDSM. Ambos fomos. Ele era naturalmente dominante, e quando exerceu sua vontade sobre mim, era fácil obedecer,

## *A face da submissão*



*Claire Thompson*

cumprir e ceder. Era emocionante realmente, como deve ser para você. Essa perda completa de controle. A confiança exige entregar-se sexualmente completamente a outra pessoa. A submersão de mim no êxtase da submissão.

Kate sorriu. Entendia perfeitamente e lhe disse:

—Kevin. Eu não tinha nenhuma idéia de que tinha impulsos submissos. E, entretanto, comigo é tão dominante. Tão seguro e com controle.

—E contigo, meu amor, não teria nenhum outro modo. Te adoro, e valorizo sua doce natureza, sua vontade de me obedecer em todas as coisas. Assim agora, me obedeça um pouco, e confia em que eu te amo, e o que poderia ter ou fazer com Mark este fim de semana só será um testemunho de nosso amor um pelo outro. Uma extensão se quiser. E quando você sirva a ele, e ele se sirva de ti, você também estará me servindo.

*A face da submissão*



*Claire Thompson*





## *Capítulo Três*

Kate comprovou seu rosto, e sua figura pela quinta vez no espelho do dormitório. Ela simplesmente levava um vestido vaporoso de seda verde brilhante sem nada debaixo. Seus pesados seios ainda altos, estavam ocultos sob a seda que pendurava em dobras suaves, revelando sua atraente fenda, mas escondendo o ouro e os diamantes de seus seios. Debaixo dos seios, o vestido encaixava facilmente contra seu corpo elástico, acentuando seus ondulantes quadris, terminando justamente no joelho. O rico esmeralda do vestido complementava seu cabelo acobreado castanho, preso em uma trança solta por trás de suas costas.

Um pensamento cruzou sua mente, embora não havia expressado ao Kevin. Como se sentiria ela, vendo seu homem, render-se a outro homem? Não só jogar, beijar e talvez o que seja se não em realidade submeter-se sexualmente a ele, como ela fez com Kevin?

Este homem açoitaria seu amante? Kevin ajoelharia obrigado a tomar o pênis de outro homem em sua garganta?

Kate teve que admitir que a idéia era de uma vez aterradora e emocionante. Ela só tinha conhecido Kevin com um controle completo. Ele era seu Senhor e Amo segundo, seu plano e desejo. Poderia ainda ser capaz de respeitar e obedecer a um homem que deixava que outro homem o usasse como estava acostumado a usá-la?

E isto onde a deixaria? Este Mark estaria interessado em uma mulher? Ou era seu único enfoque para estar com seu pequeno brinquedo, enquanto que ela era relegada a um lado, e olhava timidamente aos dois amantes que não tinham tempo para uma simples mulher?

Silêncio, disse a si mesma. Kevin lhe tinha ensinado técnicas de relaxamento como parte de sua graça de formação. Agora ela acalmou a sua mente conscientemente, enquanto permitia seus pensamentos saírem, e enviá-los longe. Ela amava e confiava no Kevin.

Algo que passasse este fim de semana era o que Kevin queria. Se tinha medo de que escapasse com seu amante gay, então os dois, ela e Kevin, tinham muito menos do que ela acreditava. Se este fosse o caso, melhor averiguá-lo agora. Kate com vontade se obrigou a



acalmar-se e esquecer estas reflexões. Ela sentiu sua mente vazia, seu pulso lento, e sua respiração profunda.

Devagar, abriu os olhos e sorriu, enquanto olhava a jovem que se refletia no espelho. Estava descalça, mas tinha os punhos de couro nos pulsos. Também os levava nos tornozelos junto com um colar de escravo de couro no pescoço que para jogo ao redor de sua delicada garganta. Do centro do pescoço pendurava um aro de ouro alargado, que podia ser facilmente utilizado para atá-la onde seu mestre desejasse. Os pulsos e tornozelos também tinham aros similares, e tinham sido usados em seus jogos de escravidão.

Seus grandes olhos escuros se enrugaram um pouco nas esquinas quando ela sorriu.

“Relaxe”se advertiu em voz alta. “Isto vai te divertir.”

A comida estava preparada, e a mesa ricamente adornada com o melhor jogo de mesa de linho, a baixela de prata e os cristais mais finos de Kevin, e um dos vasos engenhosamente decorados por Kate no centro da mesa. Kevin estava na sala de estar, aparentemente lendo uma revista, mas sem virar nenhuma página. Entretanto, ele não deixava de olhar pela janela de seu pátio traseiro, seus olhos olhavam a piscina com o reflexo da luz do entardecer.

A campainha soou e Kevin soltou a revista ao mesmo tempo em que Kate saía do dormitório.

—Vou abrir? —perguntou ela.

—Iremos juntos — disse Kevin como resposta, já que era Kate quem abria a porta e respondia ao telefone. Quando abriu a porta, Kate estava um pouco atrás, sorrindo com incerteza.

Na entrada havia um homem que devia ser Mark. Kate se surpreendeu, já que não media mais de 1.73 comparados com o 1.88 de Kevin. De algum modo, ela tinha imaginado que alguém que tinha dominado seu amante seria maior e forte. Sem dar-se conta havia imaginado ao Mark como um urso corpulento. Em vez disso, este homem quase podia ser descrito como vivaz.



Comparado com a boa presença irlandesa de Kevin, com seus luminosos olhos azuis e seu cabelo loiro mogno, Mark era mais escuro, com seu cabelo castanho cortado tipo militar, com entradas nos lados e uma testa alta e bem formada, e profundos olhos negros.

Havia uma espécie de aura poderosa ao redor dele, embora o marco da entrada desmentisse esta percepção. Entretanto seu sexto sentido lhe dizia que este homem não era alguém com quem brincar. Embora em seu rosto houvesse um enorme sorriso quando ele e Kevin se deram um apertado abraço.

Ele deixou uma espécie de maleta que levava no chão e Kevin riu.

—Alguma vez viaja sem sua bolsa de truques, ehh? Tem algo novo e mau?

—É obvio — Mark riu de novo — Eu nunca te visitaria com as mãos vazias! —Mark olhou intensamente ao Kevin avaliando-o— foi muito comprido, muito tempo. Como está, meu menino brinquedo?

Kevin jogou uma olhada a Kate, ruborizado um pouco pelo uso que fez Mark de seu apelido submisso. Talvez para recuperar algo de dignidade ele comentou:

—Me permita te apresentar a minha escrava, Kate. Por favor, considera-a tua durante o fim de semana. Kate?

Sua pergunta foi tácita, e ensaiada. Ela devia fazer uma reverência quando fosse apresentada. Ela se agachou, enquanto sustentava a barra de seu vestido de seda, para apresentar-se ante Mark, o oposto a como se tinha que apresentar um homem a uma mulher, como era cortês e tradicional na sociedade.

Mark a olhava agora, e perguntou:

—É a escrava de Kevin? É de sua propriedade?

Kate sentiu o calor subir até seu rosto em um rubor. Ela olhava ao chão, ainda agachada em uma reverência, e assentiu. Era de sua propriedade? Ela nunca o tinha pensado precisamente nesses termos, mas algo sobre essa frase enviou uma corrente elétrica através de sua coluna.

—Levante-se — ordenou Mark, e ela o fez, chegando a sua altura.

Mark deu um passo para aproximar-se e disse brandamente,



— É um prazer te conhecer escrava. Acredito que vamos ter um maravilhoso fim de semana.

Kevin esclareceu sua garganta enquanto agarrava o braço do Mark e comentava:

—Me deixe te mostrar a casa. Kate nos trará um refresco —e a Kate— Pode servir o refresco atrás, na piscina, Kate.

Quando os dois homens caminhavam para a sala de estar, Kate ainda não saía de seu assombro. Sentia-se como se tivesse sido despedida como uma faxineira ou criada, Nos sirva na piscina, sem mais! Ela sentiu a excitação desaparecendo, substituída outra vez por uma inquietação como havia sentido antes.

Entretanto, ela seria a perfeita anfitriã, e os serviria na piscina. Ela recolheu a bandeja de aperitivos preparados de antemão, e os tirou fora. Colocou os aperitivos na mesa para que pudessem ser servidos comodamente entre as cadeiras da piscina.

O sol estava se ocultando no horizonte, enquanto coloria a água da piscina em um brilhante azul celeste enquanto entardecia. Kate inclusive descalça estava confortável, já que tinha sido um dia ensolarado, e a pedra que rodeava a piscina retinha ainda o calor do sol.

Em uns instantes os homens saíram da casa. Ambos estavam vestidos com jeans e em camisas com o pescoço aberto.

Eles sustentavam uma cerveja, e Kevin ofereceu uma a Kate, que ela aceitou com vontade, sustentando a garrafa fria entre sua palmas.

Uma vez que os homens estiveram sentados, Kate se ajoelhou aos pés de Kevin, enquanto se apoiava em suas pernas. Kevin acariciou sua testa e então deixou cair sua mão a seu seio. Kate jogou uma olhada a Mark, um pouco envergonhada de que Kevin a acariciasse assim diante dele, mas ele não pareceu notá-lo, ou se o fez, ele não fez nenhum comentário.

Ficaram à corrente falando dos velhos tempos. Ambos os homens estavam no mesmo negócio, e contaram as típicas piadas sobre seu último e recente negócio. Também falaram dos companheiros da universidade que ainda viam, coisas de suas famílias. Kate escutou interessada em ver este lado desconhecido de Kevin, já que raramente falava sobre seu passado. Ela não estava convidada a participar da conversa, mas sendo uma ouvinte, não se importou.



Se Mark era até consciente de que Kate estava ajoelhada aos pés de seu amante, não deu nenhum sinal. Estava completamente focado no Kevin, inclusive quando lhe felicitou pelo aperitivo. Seus elogios não foram para o chef, a não ser para seu proprietário.

Assim que ela se surpreendeu, já que não esperava que lhe falassem quando de repente Mark lhe falou.

—Kate, levante-se.

Ela olhou ao Kevin, que assentiu ligeiramente. Havia-lhe dito uma e outra vez na semana anterior, que quando Mark chegasse, ele mandaria em todos os sentidos e ponto. Tudo o que Mark dissesse seria lei para ambos durante este fim de semana. Kate esteve de acordo, embora ela não estivesse muito segura sobre o que estava de acordo.

Estava a ponto de descobrir.

Ela se levantou, encolhendo a barriga e empurrando o seio para frente, inconscientemente.

—Este pátio é seguro? Alguém pode nos ver? —perguntou Mark.

—Completamente seguro — respondeu Kevin, quando assinalou o muro de mais de quatro metros que rodeava o amplo gramado e a piscina— E atrás daquela perto há outro acre de terra sem edificar. Nós poderíamos dançar nus aqui se quiséssemos e nunca ninguém saberia.

—Isso é o que esperava que me dissesse —Mark sorriu, com seus olhos avaliou o atraente e longo corpo de Kate no vestido de seda— Perde o vestido diante de nós, escrava.

Perder o vestido? Por uma fração de segundo, Kate realmente não sabia o que queria dizer. Quando compreendeu, ela ficou enraizada no lugar, olhando para ele silenciosamente.

—Ela não é muito obediente, Kevin? Ou é simplesmente lenta? Estúpida? Problemas com o inglês?

Kevin parecia envergonhado, seu rosto escurecido. A primeira ordem de Mark e Kate estava ali como uma estátua. Mais severamente do que tinha previsto lhe gritou:

—Vamos Kate! Já ouviu o homem! Tira!





Os olhos de Kate lacrimejaram pelo tom pouco amável de Kevin, mas ela obedeceu, devagar levantou a barra de seu vestido, tirando por cima de sua cabeça. Ela deixou cair o vestido na pedra quente da piscina e se deteve ante os homens para que a avaliassem.

Ela procurou com o olhar ao Kevin para sua aprovação, mas viu que ele não olhava a ela, se não ao Mark.

Mark, por outro lado a estava olhando intensamente. Seus olhos eram escuros, e seu olhar a transpassava, enquanto a observava lentamente de cima abaixo percorrendo seu esbelto corpo. Ela olhou para baixo, tentando acalmar sua mente, seu coração. Isto é para Kevin. Isto é para o Kevin. Estas palavras repetidas silenciosamente como um mantra eram para acalmar a ela mesma.

—Ela é encantadora — disse Mark, embora isto quase parecesse superficial — Mas você sabe que eu gosto que esta mulher esteja depilada. É mais fácil açoitá-la sua vagina— ele tocou seu nu monte com dois dedos e Kate ficou perfeitamente quieta, compreendendo que ela retinha seu fôlego. Como era estranho ter este homem desconhecido a tocando desta maneira íntima, enquanto seu amante estava sentado, com uma expressão perplexa. Entretanto, encontrou despertando de um sonho, era como se ela fosse a escrava em um leilão de um de seus romances históricos. Mark deixou cair sua mão.

—E isto! —assobiou Mark, um assobio comprido e baixo, tendendo a mão aos mamilos perfurados de Kate — Não são incomuns? —virou para Kevin para lhe perguntar— Posso? — gesticulou para os bonitos seios redondos de Kate.

Ele não tinha perguntado a Kate, certamente. Ela simplesmente era a escrava. Uma vez mais, a confusão surgiu através dela, uma afronta de uma vez profunda e, entretanto despertou por ser tratada como um objeto sexual. Sua opinião ou desejo não contavam para ele. Isto era entre os homens.

Kevin sorriu com esse sorriso grande e lento dele, o orgulho faiscava em seus olhos. Importava-lhe claramente muito que Mark pensasse sobre isso. Ele assentiu, enquanto ondeava sua mão a Kate dizendo:



—Pode por todos os meios olhar e tocar tudo o que goste. Como te disse antes, Kate é tua durante o fim de semana. Não precisa pedir permissão.

Mark cabeceou tão cortês como um rei, e se situou de pé diretamente diante de Kate. Ele cavou cada seio em uma mão, levantando-os com cuidado e deixando-os cair. As pequenas corrente oscilaram eroticamente, os diamantes cintilaram com o pôr do sol.

—Lindos. — ele murmurou e ela corou

Alguma coisa sobre este homem assustava. Havia algo duro, até mesmo perigoso, em sua direção. E, no entanto, que bobagem! Ele era um velho e querido amigo de Kevin. Kevin nunca a colocaria em perigo. Ela tentou sorrir para Mark, que sorriu de volta um sorriso de lobo, deixando seus seios e dando um passo para trás.

Kevin sorriu inconsciente de qualquer tensão entre seus dois amantes. Ele deu um passo para Kate, tomando-a de maneira protetora em seus braços.

—Ela é meu maior tesouro — disse beijando a parte superior de sua cabeça— Você é maravilhosa —sussurrou em sua orelha — É meu anjo.

Sentindo-se um pouco mais tranqüila, Kate lhe sorriu, e lhe beijou quando ele beijou sua boca.

—Solta seu cabelo — ordenou Mark.

Kevin soltou os poucos grampos que sustentavam a trança de Kate em seu lugar. Ela sacudiu a cabeça, soltando as ondas do grosso cabelo acobreado. Ambos os homens a olharam, com óbvia luxúria em ambos os rostos, mais orgulho no de Kevin. Ela sorriu alegremente a seu mestre.

—Cheira fantástico o que há no forno — Mark comentou, cheirando para a porta traseira aberta, um claro sinal de que tinha fome.

Kate se ajoelhou para recolher seu vestido, mas Mark a deteve, pondo sua mão sobre seu pulso. Seu apertão era firme e seus dedos fortes.



—Não — disse Mark — A quero nua. Você estará nua para o resto do fim de semana. É assim como eu gosto de meus escravos. Estas algemas de couro serão tudo o que necessita, escrava.

Kate resistiu o impulso de procurar Kevin para sua aprovação.

Ela sentiu de algum modo que isto o envergonharia, e defraudaria. Ela devia obedecer ao Mark sem duvidar. Não necessitava a permissão prévia de Kevin para obedecer ao Mark. E o fato de que Mark ordenasse que ela se despisse para ele, e mandar que ficasse dessa maneira, era outra maneira de demonstrar que Mark mandava e podia lhe ordenar ao Kevin. E que Kevin agora era de Mark e que a palavra de Mark seria a do Amo, ao menos esta noite.

O pescado estava perfeito, combinado com aspargos frescos e pãezinhos de milho caseiro. Kate se sentou nua com os homens vestidos, mas em realidade encontrou que isto não lhe preocupava muito; estava acostumada a estar nua diante de Kevin, e ela sabia que seu corpo atraía aos homens, inclusive aos homens gays.

Quando ninguém pôde comer um bocado mais, Mark se agachou e puxou brandamente da corrente do mamilo de Kate.

—São realmente bonitos, Kevin. Quem a furou?

—Eu fiz — respondeu Kevin, enquanto sorria. — Kate é muito valente.

—Doeu, Kate? — perguntou, com uns olhos curiosamente brilhantes.

—Como um bastardo — disse enfaticamente Kate. Todos eles riram e a tensão diminuiu visivelmente na sala.

Muito cheios para apreciar a sobremesa, os três se deslocaram à sala de estar, onde Kate serviu um conhaque Grand Marnier magnífico em taças grandes. Ela voltou a colocar-se aos pés de Kevin outra vez.

Quando eles beberam a sorvos, o fino conhaque alaranjado, Kate apoiou-se nas pernas de Kevin, enquanto relaxava suas costas nua contra ele. Ela se sentia feliz e confiava em que a comida tinha ido bem. Eles tinham seguido seu pequeno bate-papo durante o jantar, como se fosse perfeitamente natural que a anfitriã estivesse nua quando serviu as verduras, ou quando inclinava para servir vinho.



Ela sentiu uma mudança no ambiente, como se as formalidades tivessem acabado e poderiam chegar aos negócios. Eles estavam calados quando Kevin olhou ao Mark que estava bebendo a sorvos seu conhaque e olhando ao Kevin e a Kate com os olhos estreitados. Outra vez, Kate foi golpeada com seu poder. Este emanava dele como a luz, só que mais densa.

Mark apoiando-se em sua cadeira comentou.

—Kevin. Deixe-me te ver. Fique de pé, por que não o faz? Faz muito tempo. Mantém-se em forma?

Kevin empurrou brandamente a Kate para poder levantar-se, e estar de pé diante de seu antigo amante, para sua inspeção.

—Tire a camisa — disse Mark, com uma voz agradável, mas uma clara ordem.

Kevin desabotoou sua camisa deixando-a cair. Seu peito finalmente musculoso brilhava à suave luz do quarto, pequenos cachos escuros loiros remontaram para baixo por seu esterno. Kate sentiu um aumento de orgulho pelo físico de seu amante. Mas era algo mais que isso também, era bastante estranho ter a outra pessoa, um homem, lhe ordenando que posasse para ele.

—Muito bom, muito bom — disse Mark, enquanto lambia seus lábios— As calças jeans, por favor — sem o menor rubor ou rastro de vergonha, Kevin baixou suas calças. Ele usava uma cueca slip de seda que abraçava sua considerável ereção, que parecia crescer por segundos.

—OH sim — sorriu Mark — Kate, é uma garota com sorte — enquanto ao Kevin disse — Ela faz boas mamadas?

—Não está mal — disse Kevin dando golpezinhos a sua própria cabeça.

Não está mau! Kate estava orgulhosa sobre sua capacidade para converter com sua boca em um louco ao Kevin. Ele a tinha ensinado a atendê-lo com suas mãos algemadas atrás das costas. Ela podia lambê-lo e deixá-lo num frenesi, enquanto tomava tão lento como ela podia, até que ele perdia o controle e agarrava sua cabeça, fodendo sua boca até que disparava profundamente sua carga em sua garganta.

—Ela pode fazer o teste da respiração? —perguntou Mark.



—Ohh — Kevin franziu seus lábios um momento, como se não soubesse o que Mark queria dizer. Mas ele sabia bem. Depois de um momento respondeu —. Uhh, não realmente. Quer dizer, nós ainda não fomos até ali, ainda.

—Bom, teremos que ir até ali esta noite, querido menino. Sabe como eu gosto disso?

A prova da respiração? O que era isso? Kate sabia instintivamente que não era parte desta conversa. Ela devia ser vista, mas não ouvida. Mas era curiosa. E estava algo ansiosa, ao ver Kevin um pouco perturbado, até envergonhado, de não ensiná-la a prova de respiração, o que fosse isso!

Mark olhou com cepticismo a Kate.

—Bem, vamos provar sua têmpera um pouco então. Escrava! —Mark voltou sua atenção à mulher nua que se agachava na poltrona — se ajoelhe e ponha suas mãos atrás de você — Kate assumiu a posição obedientemente, como Kevin a tinha ensinado, de joelhos com seu torso reto, os peitos empurraram para fora, os joelhos amplamente estendidas para que a vista de sua vagina nua não se visse obstaculizada por suas coxas.

Ela sentia golpear seu coração; estavam começando a sério agora. Mark veio aos dois. Em primeiro lugar algemou os pulsos de Kate atrás dela com os ganchos dos punhos que penduravam ali para esse propósito. Movendo ao Kevin, esteve de pé muito perto, diante do homem mais alto e escorregando seus dedos sob o elástico, sobre um e outro quadril, baixou-lhe a cueca, pondo em liberdade a grande ereção de Kevin.

Aproximando o máximo ao Kevin para que sua ereção ficasse apanhada entre ambos, Mark pôs sob a cabeça de Kevin as mãos para beijá-lo na boca. O beijo de um amante, longo e persistente.

Kevin respondeu quando Kate olhou, ajoelhando-se a seus pés.

Ela lambeu seus próprios lábios, tentando assumir a confusão de seus sentimentos, o ciúmes, que ardiam em seu peito, mas também algo mais. Uma excitação profunda centrada em seu ventre, fazendo que sua vagina e seus lábios se molhassem de luxúria. Os dois homens eram quentes, sendo um deles seu amante ou não. Se ela tivesse sido livre para ficar de pé e





fazer o que desejava, colocar-se atrás de Kevin, ela teria ficado atrás de Kevin, imprensando-o entre ela e Mark, esfregando-se contra suas fortes costas e seu sexy traseiro apertado.

Mas ela não era livre. Recordaram-lhe isto quando os dois homens se separaram, ou melhor, Mark fez, empurrando para trás a Kevin, que pareceu inclinar-se ligeiramente para ele, como se não quisesse que o beijo terminasse.

—Vejam o que pode fazer, puta — disse Mark a Kate— Chupa sua lindo pênis. Vamos ver como faz. Impressiona-me.

Kate avançou depressa, impaciente por tomar o pênis de seu mestre em sua boca, impaciente também para mostrar a Mark que ela não era uma submissa de segunda, como ele dava a entender. Pouco a pouco lambeu a cabeça do pênis de Kevin, saboreando sua doçura. Ela elevou a vista para ele, seus olhos grandes e cheios de amor, e Kevin respondeu com um sorriso alentador. Claramente ele também queria impressionar ao Mark. Olhou-lhe e se tornou para trás, enfocada no pênis, lambendo-o devagar para baixo e logo formando redemoinhos em círculos, lhe fazendo estremecer de prazer.

Ela sentiu suas mãos sobre seus ombros quando ele se estabilizou. Abriu a garganta como a tinham ensinado, e tomou o pênis mais e mais, deslizando sua cabeça para baixo até que tragou completamente o eixo. Devagar foi liberando e tirando um gemido de seu amante.

Mark olhou, seus olhos estreitados outra vez, sentado no sofá em frente. Kate era consciente de seus olhos sobre ela.

Era emocionante ter um observador. Sabia que estava sexy de joelhos, com as pernas estendidas e as mãos atadas atrás dela, com o pênis deste homem na garganta. Movia-se acima e abaixo, sensualmente, tentando impressionar ao estranho amante de Kevin. Depois de uns momentos, Mark esteve de pé e foi ao vestíbulo da entrada onde ele tinha deixado sua bolsa de brinquedos. Ele voltou para encontrar Kate ainda chupando e beijando o pênis de seu amante, ele se dirigiu a Kevin.

—Vamos acrescentar alguns joguinhos à diversão, uh, procedamos. Sua escrava recebe açoites? — quando Kevin assentiu, Mark respondeu — Que tal enquanto está lhe sugando? Pode focar?



Kate nunca tinha sido açoitada, enquanto sugava. Tratava-se de uma curiosa proposta, mas parecia atrair ao Kevin, porque ele sorriu lentamente e disse:

—Realmente não sei Mark. Não tivemos essa oportunidade. Vamos lhe dar uma oportunidade, sim?

—Vamos? Eu não estava pedindo sua permissão — disse Mark, fazendo baixar o olhar de Kevin rapidamente para baixo. Talvez para cobrir sua vergonha por haver se excedido com seu amante dominante. Kevin puxou a cabeça de Kate, de repente, empurrando seu pênis em sua garganta fazendo-a engasgar e fazer barulho, quando não tinha sido preparada.

Mark fez um som de desaprovação quando se moveu atrás da jovem, agachou-se levando um chicote na mão.

—Ela não está muito aberta, Verdade? Eu logo a tiraria estas tolices.

Kate se incomodou, mas certamente não respondeu abertamente a seu insulto. Ela agradeceu em silêncio aos deuses de que ela não fosse sua e não estar submetida a sua educação. Devagar fez cócegas à parte inferior do pênis de Kevin com sua língua, desenhando nele, um gemido doce que a fez sorrir.

Mark estava perto, atrás dela; ela podia lhe ouvir respirar, quando ele se dobrou até ela, com um chicote na mão. A diferença da vara que utilizava Kate, o chicote podia marcar o relevo na carne rapidamente, embora este não fizesse nenhum dano permanente.

Com uma ardente picada, deixava umas linhas largas e brancas que devaneciam a um rosa escuro.

Kate não podia ver Mark atrás dela. Ela sabia que ia ser açoitada, e esperava que pudesse tomá-lo sem machucar Kevin inadvertidamente ou lhe morder! Estava preparada para essa desagradável única chicotada, quando primeiro a golpeou através das bochechas de seu traseiro.

Kate ofegou, com um som surdo pelo pênis de Kevin que enchia sua boca. Ela deu uma sacudida de modo incontrolável contra Kevin, que a pegou e estabilizou.

—Pelo geral não estamos acostumados a usar o chicote — explicou Kevin a Mark.



Nunca usamos o chicote, corrigiu Kate silenciosamente, quando a queimadura seguiu seu caminho através de suas terminações nervosas.

Outra linha de fogo se estendeu através das bochechas de seu traseiro, um pouco mais alta que o primeiro. Kate estava disposta esta vez, mas ainda doía! Realmente gostava dos açoites, mas isto era mais dor que um açoitamento sensual. Kate começou a respirar pesadamente, incapaz de controlar o bordo de temor que pulsava em sua mente. Kevin! Gritou silenciosamente ela. Kevin, ele está me machucando!

E uma vez mais, o chicote a mordeu cruelmente. Kevin deve ter sentido seu pânico, mas ele só sustentou sua cabeça, obrigando seu pênis a permanecer profundamente em sua garganta. Como Mark seguiu açoitando a moça atada, uma curiosa e encantadora, embora não desconhecida mudança começou a lhe ocorrer. Era algo que amava, e procurava, mas era estranho alcançá-lo. A gente não podia forçar a maravilhosa atenção total que um Dom perito podia enviar a um Sub. Inclusive se desejava sua paixão e posse um podia ir. E Kate, encontrou que tinha que ir através dela para chegar. Teve que descender a uma espécie de purgatório de medo e dor, antes de poder surgir como consequência disso, triunfante e poderosa em sua submissão.

Era algo muito difícil de explicar a alguém que nunca o tinha experimentado. Ela e Kevin tinham falado disso. Ele pensava que entendia, embora ele mesmo nunca tivesse estado ali, como lhe havia dito. Tinha ouvido falar com outros sub, não só a Kate, e estava possivelmente um pouco ciumento da evidente intensidade da experiência que pareciam ter. Explicou-lhe a falha, e lhe deixou ir.

Mas agora, como centro de atenção o considerou perigoso, mas também tremendamente erótico Kate sentiu que a peculiar letargia sensual se abatia sobre ela, acolhendo-a em suas redes. Ela ainda sentia o agulhão do chicote de Mark, mas estava recoberto com um feroz e doce prazer. Sentiu muita vontade de tocar sua vagina, para aliviar o calor que estava criando por sua curiosa circunstância, atada e com sua boca cheia pelo pênis de seu amante e outro homem açoitando seu traseiro nu atrás.



Mark seguiu açoitando-a, e ela seguiu chupando ao Kevin. Embora quase em um transe, Kate era consciente que seu amante estava a ponto de gozar. Ela sentiu que o corpo ficava rígido, e o tremor em seu pênis assinalava a liberação iminente.

Mark estava afastado, olhando o par um momento e logo disse:

—Pare menina. Ele não tem permissão. Ainda não — Kate continuou mamando seu amante, quem era este homem para lhe dizer que parasse? Mas Kevin apartou seu pênis, com a glândula vermelha, e com o fôlego em rajadas rápidas. Ele obedeceu ao Mark e sua expressão a recordou que ela devia obedecer também.

Mark riu malvadamente.

—Ela é boa, Kevin. Ela pode tomar. Mas ela não é quando você tem que lhe tirar o pênis da boca, não é?

O transe sensual desapareceu, e Kate rechaçou sua própria cólera crescente. Quem era este bastardo, afinal? Como podia sentar-se ali, enquanto a olhava fazer o que ela sabia que fazia tão bem, e dizer que não era uma profissional? Inclusive enquanto estava sendo açoitada com o chicote, ela tinha mantido o pênis de Kevin em sua boca, enquanto lhe gracejava e chupava apesar de que Mark fazia algo com ela. O que esperava que fizesse que Kevin gozasse?

Ela sentiu a mão de Mark sobre seu ombro, puxando-a para trás. A forte queimadura dos açoites, e qualquer rastro de felicidade sexual tinham se dispersado como uma bruma.

—Vamos ter que mostrar como se faz, não é menino brincado?

Kevin engoliu em seco, movendo seu pomo de Adão. Olhou quase tímido e Kate encontrou que de repente queria abraçá-lo, protegê-lo deste homem que era o Dominador de seu mestre diante dela.

—Vamos Kevin, mostre como faz um profissional. Necessita-se outro homem para realmente chupar corretamente, é o que sempre disse.

Mark deixou cair seu próprio jeans, dando um passo facilmente fora deles. Suas pernas eram fortes, as pernas de um atleta. Ele baixou sua própria cueca, também um slip, saltando seu pênis muito grosso com uma cabeça bulbosa, o pênis de Kevin era maior e mais grosso em



geral, notou Kate, mas não tão grosso. Ela se encontrou imaginando aquele pênis enorme penetrando-a. Corando, ela se virou.

Kevin se ajoelhou diante de Mark, com seu próprio pênis ainda com o brilho da chupada de Kate.

Kate, com suas mãos ainda atadas atrás dela, foi abandonada para valer-se por si mesma. Ela saiu engatinhando mais perto dos dois homens, rechaçando e emocionada de uma vez, pela idéia de Kevin com o pênis de um homem na boca.

Mark inclinado para baixo agarrou um punhado do cabelo espesso e encaracolado de Kevin, puxando a cabeça para trás. De modo que sua boca fosse oferecida ao Mark, este o beijou, longa e apaixonadamente, enquanto Kate se movia, desejando outra vez, poder tocar sua vagina.

Mark soltou ao Kevin para que ficasse em posição, a fim de que seu pênis ereto balançasse na frente do rosto de Kevin. Mark ficou de pé com as pernas estendidas e as mãos sobre seus quadris, como o capitão de um navio de alguma novela antiga, o senhor que tudo inspecionava. Com um aceno de cabeça de Mark, Kevin separou seus lábios, mantendo suas mãos contra suas musculosas coxas.

Mark deslizou sua ereção na boca de Kevin. A diferença de Kate, que começou a mamar e beijar seu mestre nesse momento, Kevin ficou como se fosse de pedra. Mark arqueou suas costas até que todo seu pênis esteve completamente na garganta de Kevin. O nariz de Kevin pressionava com força contra o osso pubiano de Mark, e em seus exuberantes cachos negros. Ambos os homens ficaram perfeitamente quietos durante mais de um minuto, com seus olhos fechados.

Kate sentiu um estremecimento de ansiedade. Kevin necessitava respirar! Isto devia ser o que ele quis dizer com a prova de respiração. Consistia em que Kevin mantivesse a respiração, até que Mark decidisse que ele podia fazê-lo. Isto era em última instância, uma apresentação! Ter a própria respiração controlada por outro. Confiar sua própria vida a seu mestre. Ela poderia fazer isto? Ela poderia superar o pânico e não retirar-se? Gostaria de pensar que poderia fazê-lo, mas se fosse honesta, não sabia.





Ela olhou agora com fascinação e um preocupante interesse, como o rosto de Kevin avermelhava e seu peito se ampliava pelo esforço de conter seus pulmões. Finalmente muito devagar, Mark se retirou, permitindo que seu brinquedo respirasse.

Kevin fez uma aspiração enorme, e imediatamente foi empalado outra vez pelo pênis de seu mestre. Uma e outra vez eles jogaram este jogo, e Kevin nunca vacilou, nem mostrou nenhum desconforto.

Kate se moveu mais perto, olhando como Mark colocava profundamente o pênis na garganta de seu mestre, e logo retirava, revelando a cabeça bulbosa púrpura e brilhante pela saliva de Kevin. Depois de alguns minutos, Mark a tirou completamente, embora não tenha tido um orgasmo.

—Eu me lembro de uma brinquedoteca — disse ao Kevin, que limpava seu rosto com o dorso de sua mão. Seu próprio pênis ainda completamente ereto e perpendicular a seu ventre.

—OH, sim. E ainda tenho mais brinquedos da última vez que estive aqui.

Da última vez que estive aqui? Kate sentiu uma pontada de ciúmes de novo. Este homem tinha estado na vida de Kevin muito mais tempo que ela. Quem sabia as intimidades que haviam compartilhado, e nenhum deles com ela? Bom ela estava aqui agora, e sabia que Kevin a amava. Seguiria tentando render-se com graça, e engolir qualquer dúvida ou medo.

Kevin liberou os pulsos de Kate, e os três juntos caminharam ao quarto de jogos levando o brandy com eles. Mark tinha colocado seu jeans, sem incomodar-se com a cueca, mas seus dois submissos estavam completamente nus.

Mark inspecionou o quarto, seus olhos se iluminaram com prazer, quando ele pegou vários instrumentos de tortura sexual. A robusta cadeira metálica, com algemas de couro e cintas grossas e brilhantes para atar pernas e braços, prometia horas de diversão a custa de um pobre submisso, ou prazer, dependendo da perspectiva. Assinalou a variedade de varas e chicotes perfeitamente pendurados ao longo de uma parede e assentiu, aproximando-se para inspecionar em particular, um encantador castigador vermelho de couro com muitas mechas de camurça suave que penduravam de maneira incitante. Havia uma mesa de exames médicos, com um toque adicional de cintas grandes e flexíveis, que poderiam ser utilizadas para sujeitar



uma pessoa no peito, a pélvis e os tornozelos. No peito havia ganchos robustos, práticos para atar correntes ou cordas para segurar um escravo durante uma flagelação.

Mark olhou fixamente para Kate então, seu rosto registrava alguma desaprovação.

—Ela poderia fazer algum exercício. Ter mais músculos. Está muito magra, à exceção de suas grandes tetas. Tenho que admitir que as tetas... são fantásticas. Perfeitas para açoitá-las.

Kate olhou para baixo. Ela não estava acostumada a que criticassem seu corpo. Já que ela começou a desenvolver-se durante a adolescência, os homens apareciam em fila para comer-lhe com os olhos e adorar seu corpo. Ela era insegura em outras coisas, mas não sobre a elegância de seu corpo.

Talvez isto fosse só seu modo de ganhar a partida. Kevin nunca sentiu a necessidade de açoitá-la ali, mas ela sabia que alguns mestres o faziam por norma. A humilhação era um giro para ambas as partes. Mas Kate não gostava disso. Ela se esticou quando Mark continuou falando.

—Alguma vez amarrou seus seios com essas bonitas correntes? Eu gostaria de ver como seus mamilos se estendem tensos e se estiram até gritar. Vamos fazer isso! Vamos ver quanto pode suportar!

—Uh, não — disse Kevin com voz firme, pela primeira essa vez tarde— Eu sinto Mark, mas não. Os piercings dos mamilos são relativamente novos, e estão ainda muito sensíveis.

Mark franziu os lábios, com evidente desgosto em seu rosto. Logo deixou sair um suspiro e disse:

—Bem. Ela é tua, depois de tudo. Embora, se ela fosse minha, logo aprenderia a tolerar um pouco de sensibilidade, posso te assegurar. Eu a faria dormir com seus mamilos atados à cabeceira.

Se ela se movesse de noite, ela conseguiria um aviso de que os mamilos são meus. Meus para torturar, até rasgá-los limpamente se o desejo.

Kate tremeu, abraçando-se a si mesma e cobrindo protetoramente seus seios. Silenciosamente ela agradeceu a seu amante por não permitir a Mark atá-la por seus mamilos! A



verdadeira preocupação era que seus mamilos se rasgassem de um puxão muito forte, e este era o temor particular de Kate, e Kevin era consciente disso.

Quando ele a tinha convencido de que lhe permitisse perfurar seus mamilos, tinha-lhe prometido que nunca iria machucá-la, ou a usaria imprudentemente. Ela agora recordou como tinha beijado cada mamilo, antes de oferecer-se para furá-los, e prometido que protegeria seus pequenos doces brotos. Ela riu ligeiramente, ao recordá-lo, e tocou ligeiramente as pequenas barras de ouro que agora amava.

Kevin não respondeu diretamente ao Mark, mas sim se moveu para Kate, e a rodeou com seus braços. Sua ereção tinha decaído, e Mark tinha notado. Estirando a mão, ele tocou o pênis do Kevin, e esbofeteou ligeiramente as bolas.

— Tranquilo brinquedo. Não vou machucar a sua preciosa submissa. Obviamente, está apaixonado, e isto muda as coisas, não é? Pessoalmente acredito que quando o amor entra na equação, a submissão tende a ir por outro caminho, mas o que sei eu?

De fato, Kate pensou decididamente, eu não gosto deste homem. Mas Kevin era ainda seu submisso, e ela ainda queria dar prazer e obedecer seu amante. Demonstraria a este Mark que a obediência e a submissão, acoplada com o amor, podia ser mais poderoso que qualquer jogo S&M que ele pudesse jogar

— Tenho uma elegante idéia — disse Mark, seu tom agora brincalhão.

— Vou atar os dois juntos e açoitá-los! Dois submissos como uma pedra. O que devo utilizar para te atar, menino brinquedo?

Kevin conseguiu algumas cordas para o peito, e as deu a Mark, com um par de tesouras, pequenas e fortes. Mark rapidamente cortou várias partes longas. Ele instruiu aos dois para ficar de frente um com o outro e os braços aos lados.

Mark envolveu a fina corda de nylon ao redor das coxas, e sob seus braços e ao redor de seus peitos, os dois amantes juntos e perto, os seios de Kate pressionando contra as costelas de Kevin, e este colocando seu pênis contra seu ventre.

Mark se afastou depois de um momento, inspecionando sua obra. Era bom com os nós, e Kevin e Kate estavam bem atados um ao outro, esperando silenciosamente por seus açoites.



Mark escolheu a vara de couro vermelho, controlando as mechas através de seus dedos. Ele o moveu pelo ar umas quantas vezes, sorrindo um pouco quando Kate estremeceu com o som que ele fez quando o estalou no ar perto de sua cabeça.

Com cuidado, Mark colocou em cada um, uma máscara de dormir.

Kevin suspirou levemente e Kate inclinou sua cabeça contra seu peito, perguntando-se o que estaria passando por sua mente. Ela podia sentir seu pênis, agora duro entre ambos. Entendeu que gostava de ser amarrado.

Kate não estava segura de como o entendeu. Foi emocionante embora, fosse atada a seu amante, à espera de receber uma flagelação das mãos de outra pessoa.

—Ah, os dois tontinhos — disse Mark, quando levou sua mão à virilha de Kevin, cavando suas pesadas bolas. Ele avançou seu mão para diante, procurando a vagina depilada de Kate. Com um dedo grosso, ele entrou nela, sentindo sua umidade. Kate respirou bruscamente. Os dedos de Mark eram mais grossos que os de Kevin, e seu toque menos suave. E mesmo assim não podia negar seu toque áspero sobre ela. Ela se moveu ligeiramente contra sua mão, resistindo a fazê-lo.

Retirando de seu dedo do interior da mulher, Mark arrastou seu dedo molhado através do traseiro de Kevin e comentou:

—Putos, os dois. Os submissos são tão fáceis. É tão fácil fodê-los — riu, mas havia afeto na risada, e Kate tentou relaxar contra seu amante, e mentalmente preparar-se para a flagelação.

Ela amava quando Kevin a açoitava com o castigador, começando sensualmente, com lentidão, apenas mais que um sussurro de couro. Devagar ele trabalhava subindo e descendo por seu corpo, passando de seu traseiro a seus seios, as coxas e suas costas. Ele a cobriria com o fogo sensual, devagar a açoitando mais e mais forte cada vez, mas nunca tão forte que não pudesse suportá-lo. Às vezes, Kate entraria naquele estado encantado parecido a um transe onde ela realmente não distinguia entre o prazer e a dor, mas só existia em alguma nuvem flutuante de sensual êxtase, flutuando na borda do orgasmo, atada a seu amante pelo chicote, por seu amor e por seu desejo comum. A diferença do transe que havia entrado anteriormente



pela tarde, os que Kevin podia induzir ultimamente nela podiam durar como uma hora. Logo ela estaria completamente esgotada, uma débil boneca de trapo em seus braços.

A felicidade irradiaria dela como o sol.

Mark estava perto dos dois amantes, arrastando as pesadas e suaves mechas entre seus dedos. Kate sentia sua presença, e estava realmente ansiosa pelo movimento do suave chicote. Mas Mark não era Kevin, e a mão que açoitava não era suave. Ele não tinha nenhum desejo de ser sensual ou ir lentamente. Para Mark não havia romance. A dor era seu prazer.

Quando Mark a golpeou primeiro, com força, ela empurrou contra Kevin, já que não estava preparada, porque tinha esperado o mesmo toque carinhoso que Kevin lhe dava, ela ficou rígida, pronta para receber a seguinte chicotada. Mark andou em um círculo lento ao redor da casal, dirigindo a vara com uma mão exigente e perita. Kate sentiu o aumento do pênis de Kevin contra ela quando empurravam um contra o outro pelos golpes. Sua própria vagina estava molhada, e seus corpos nus suavam um contra o outro sobre a pele.

Perdidos na escuridão de seus olhos vendados, Kate se dedicou a chicotada saboreando seu beijo quente. O estilo de Mark era diferente, mas emocionante. Ele os usava para seu próprio prazer. Torturava-os, porque estavam sob seu poder. Isto não era tudo sobre ela. Não estava segura ainda se isto a satisfazia, mas realmente, ela não tinha nenhuma opção.

Sua mente embotada como seu corpo estava focado nas chicotadas e quando seria o próximo golpe. Como se movia de um corpo a outro, açoitando e golpeando a seu capricho, não sabia quem golpearia a seguir. Ambos saltavam, não importava a quem golpeasse. Eram quase como se fossem uma só pessoa, atados juntos, sofrendo juntos, sob o implacável ataque de Mark.

Kate sentia quente como o fogo a pele de Kevin. Ela podia ouvir sua respiração trabalhosa sobre sua cabeça. Suas pernas estavam cansadas e o atordoamento do conhaque passou. Entretanto, sua vagina ardia quando o chicote assobiava e aterrissava contra sua carne, uma e outra vez.

Finalmente Mark deixou cair o chicote. Kate sentiu suas mãos percorrer de cima abaixo seus flancos. Mark ficou atrás de Kevin, certamente lhe fazendo o mesmo.





—Tão quentes — sussurrou Mark, com voz rouca. Soltando os nós das cordas que os atavam e tirando também as máscaras dos dois, quem entortou os olhos um pouco pela luz. Os traseiros e costas de ambos tinham marcas entrecruzadas deixadas pelo chicote.

—De joelhos — ordenou Mark.

Kevin e Kate obedeceram diligentemente. Ela estava agradecida de não ter que estar mais tempo de pé. Mark tirou seu jeans, revelando uma vez mais seu pênis duro e grosso. Ele a empurrou para Kate, claramente esperando que abrisse sua boca e o tomasse. Ele ia asfixiar com ela, empalando-a como tinha feito com o Kevin?

Mas não, ele simplesmente estava de pé ali, permitindo-a lambê-lo e mamá-lo como estava acostumada a fazer pelo Kevin. Por suposto, Kate tinha tido outros namorados, outros amantes, e havia mamado outros pênis antes de Kevin. Mas curioso que o estivesse fazendo agora, e com seu amante a seu lado! O pênis de Mark era tão grosso, com uma cabeça tão grande, que era difícil para Kate pôr sua boca ao redor dela.

Ela tentou corajosamente, esperando dar prazer ao homem, mas de algum modo duvidava disso. Depois de uns momentos, Mark tirou seu membro da boca de Kate e se moveu ligeiramente de maneira que ele agora estava de pé diante de Kevin.

Kevin abriu a boca como um passarinho e Mark deslizou seu pênis outra vez empurrando para frente até o osso pubiano. Ele desprezou Kate, sua expressão era perplexa, até desdenhosa, como se estivesse lhes dizendo, esta é a forma de fazê-lo. Kate olhava ao longe, de uma vez irritada e excitada.

—Posso foder sua submissa, brinquedo? É permitido? —a voz de Mark era rouca pela luxúria, enquanto os músculos de Kevin mantinham seu pênis apertado. Incapaz de responder com sua voz, Kevin balançou a cabeça.

Ele ia deixar este homem fodê-la!

Kate não podia respirar. Este homem com seu enorme pênis ia entrar nela. E Kevin não só estaria ali, tinha-o aprovado, dado sua permissão. É obvio não lhe tinha perguntado se ela dava o seu.



Ela tinha prometido antes lhe obedecer em tudo o que ele pedisse, não importava o vergonhoso que fosse. Realmente, ela supôs que isto não era algo inesperado. A maior parte de casais instáveis trocavam de companheiros, e logo que pareciam pensar nisso.

Mas de algum modo ela tinha ao Mark fixado em sua mente como gay, com um G muito grande. Aquela imagem não incluía colocar seu pênis nela!

—Sobe a suas mãos e joelhos, puta! —ordenou Mark. Ele se agachou atrás dela, colocando seu pênis, ainda úmido dos cuidados de Kevin, e apertou contra sua vagina.

Kate gemeu, em parte de prazer, mas também de dor. A cabeça de seu pênis era tão grande que realmente rasgou a delicada carne de sua entrada quando ele pressionou contra ela.

—Ah! —gritou ela. Mas ele sustentou seus quadris, fazendo caso omissos a seus gritos, e a dor rapidamente foi substituída por uma fusão de ardor e quente prazer que emanava de seu sexo e transmitia por todo seu corpo.

Cada impulso se sentia tão bem... Tão bom. Ela mordeu seu lábio inferior para evitar lhe pedir que não parasse. Vagamente ela era consciente de Kevin sentado frente a ela, sustentando-a ainda, como um modo de participar da fodida de sua mulher, esta última submissão de sua parte era para Mark. Depois de vários minutos encantadores, Mark se retirou, gozando fora da vagina de Kate. Ela não pôde parar o pequeno suspiro de consternação que saiu de seus lábios. Mark o ouviu, e riu.

—Disse-lhe isso, brincado. Fácil. Qualquer grande pênis te serve, só quer ser fodida. Não é puta? Só quer ser fodida.

Kate ruborizou, sentindo o calor em seu rosto e peito. Ela não respondeu, mas o que disse era certo. Ela necessitava um pênis, e necessitava enormemente. Mas agora sentia o grande do pênis de Mark pressionando contra seu ânus. Isto era outra coisa completamente diferente de sua vagina!

Kevin às vezes a fodia assim, mas não muito freqüentemente, e quando ela se rendeu a isso, francamente não gostava. A dor sombreava o prazer com muita freqüência para ela, e achou difícil relaxar. Secretamente estava preocupada de que seu traseiro estivesse sujo, e que desinteressaria seu amante.



Ela foi para frente, apoiando-se no Kevin, seus olhos silenciosamente suplicavam que interviesse. Mark voltou a empurrar contra sua abertura e Kate chiou e logo ofegou tensa.

—Merda —disse Mark— você nunca usa o ânus? Tem algum KY ou um pouco de lubrificante para este maldito ânus virgem?

—Uh, Mark — disse Kevin— Uh, não sei se isso é boa idéia.

—Isto está bem, brincado. Não tem que saber. Quero foder a sua puta pelo ânus. Isto é tudo o que tem que saber. Tem algum problema com isto? — ele empurrou, mas forte contra Kate, e ela foi para frente, chorando.

—Uh, sinto muito, Mark, mas em realidade tenho. Ela não está pronta. Seu pênis sabe? É difícil, inclusive para o mais acostumado submisso. Rasgaria-a pela metade — as palavras poderiam ter sido destinadas a adular, mas o tom subjacente era claro.

Mark se tornou para trás, com expressão azeda. Entretanto, a expressão de Kevin era resolvida, e Kate sentiu lágrimas de gratidão enchendo seus olhos. Kevin podia ser o submisso de Mark, mas claramente, ele pôs seu amor pela Kate e sua responsabilidade de manter sua segurança, por cima disso.

Mark e Kevin olharam fixamente um ao outro durante um momento, e esperou que fosse Mark, quem apartasse a vista. Então um lento sorriso apareceu em seu rosto.

—Bem então, brincado. Se não me deixar fode-la pelo ânus, será você será quem a substituirá — tocando seu próprio pênis grosso e erguido, Mark se girou a jovem—. Ei Kate viu alguma vez dois homens foderem? Viu alguma vez seu amo e mestre, Kevin, ser fodido pelo traseiro por outro homem?

Kate sacudiu lentamente a cabeça, seus olhos abertos amplamente. Kevin permitiria isto? Depois de tudo, era seis polegadas mais alto e podia dominar facilmente Mark se quisesse. E, entretanto, ela sabia que não tinha força bruta. Kevin poderia dominá-la se queria também. Não, tratava-se sobre o livre intercâmbio de poder. O dar mais de si mesmo, a submissão.

E então ela realmente não se surpreendeu quando Kevin abaixou sua cabeça. A mudança de postura até ajoelhar-se, pôs suas mãos atrás de suas costas. Sua ereção murchou e Mark comentou:



—Mulher, mantém a ereção.

Kate tentou encontrar o olhar de Kevin, procurando sua aprovação, mas ele olhava para baixo submisso. Ela obedeceu Mark, desenhando com sua língua ao longo da curva doce, o pênis de seu mestre, sentindo como ficava rígido em sua boca.

—Assim é como quero fazer submissos. Você, Kate, se deite no chão. Vou foder seu namorado em cima de você. Assim, você vai estar debaixo de nós, e ver como meu pênis empurra no traseiro de seu amante. Adiante. O que está esperando? Deite-se.

Com uma olhada a Kevin, Kate deitou sobre o tapete. Inclusive suave como era, sentia áspero contra suas costas, recém açoitada.

Kevin se levantou em um segundo e foi conseguir um tubo de lubrificante, que deu ao Mark antes de ajoelhar-se outra vez, com cada joelho de cada lado do corpo convexo de Kate. Ele se ajoelhou de tal forma que ela estivesse ao contrário dele, seu rosto debaixo de seu ânus, e o rosto de Kevin sobre os joelhos de Kate.

Mark se ajoelhou atrás dele, passando o lubrificante sobre o pênis. Kate podia ver as bolas de ambos os homens, que se balançavam sobre sua cabeça. Ela olhou como Mark pressionava seu pênis contra o traseiro de Kevin. Este grunhiu um pouco, e mudou a posição suas mãos, para ter mais apoio, mas não protestou de nenhuma outra maneira quando Mark deslizou seu pênis lubrificando por seu ânus. Ele claramente não era nenhum virgem.

Kate olhou de baixo fascinada. O traseiro de Kevin era firmemente musculoso, as bochechas agora estavam claramente divididas quando Mark pressionou a glândula nele. Mark se moveu devagar e com cuidado. Sem toda sua raiva, estava claro que ele não queria fazer mal ao Kevin. Uma vez que esteve totalmente dentro, sem demora, começou a mover-se com mais insistência, tirando e logo empurrando atrás no traseiro de Kevin, com o balanço de suas bolas. Logo Mark ofegava, grunhindo de prazer. As gotas de suor caíam ao corpo de Kate, mas ela não estava de segura de quem eram.

Os olhos de Kate estavam abertos amplamente, quando ela viu Mark reclamar Kevin desta forma primitiva. Suas mãos livres por fim, deslizaram-se para baixo a seu próprio sexo, e



ela começou a acariciar-se e esfregar-se, respirando com força como os homens, que eram apenas conscientes dela, perdidos em seu próprio prazer.

Kevin levantou uma mão, segurando seu pênis, massageando seu eixo em golpes longos e lentos como Mark o fodia atrás. Kevin manteve o mesmo ritmo emparelhado de Mark, quando este se aproximou a sua própria liberação, ambos os homens gemeram jogando sua cabeça para trás, Kate estava esquecida embaixo deles. Kate sentiu um espasmo de prazer incandescente. Como desgraçada, já que estava debaixo dos homens, ignorada e esquecida, ou possivelmente devido a este desprezo, Kate sentiu-se próxima a seu próprio delicioso orgasmo. E, entretanto, como propriedade de Kevin, não lhe permitiam gozar sem sua rápida permissão. Ela não se atreveu a interromper os dois homens, e assim, com relutância, ela deixou cair sua mão, consciente de que uns poucos de golpes mais invariavelmente a levariam sobre a borda. Seu coração palpitava, e os homens em cima dela se retorciam e suavam, com grunhidos de puro animal.

Notariam se tomava seu próprio pequeno prazer?

Afinal, compreendeu em realidade. Ela não queria roubar Kevin, soubesse ou não. Seu desejo de render-se não terminava quando ele não podia vê-la. Depois de tudo, estava sozinha todo o dia enquanto ele trabalhava, e nunca tinha traído sua ordem, de que só tivesse um orgasmo em sua presença, ou com uma ordem expressa. Portanto, ainda com sua vagina palpitando, Kate ficou imóvel sob os dois homens.

Poucos minutos depois de selvagens empurrões, Mark disparou sua carga, sujeitando fortemente os quadris de Kevin, descarregou-se dentro de Kevin gritando:

—Sim, sim bastardo! Toma tudo, brinquedo! Toma para mim!

Kevin começou a gozar, seu sêmen caiu em pequenas gotas quentes sobre os seios e o ventre de Kate. Ainda com fogo em seu interior, ela desejava a liberação sexual que presenciava, mas ainda não desafiava a fazer nada sobre isso. Em um gesto curiosamente doce, considerando a maneira brutal que Mark acabava de utilizar com o Kevin, ele envolveu seus braços fortemente ao redor de Kevin, descansando sua bochecha por um momento contra as costas de Kevin. Foi Kevin quem se arrancou do corpo de Mark, rodando em cima do corpo de Kate.





Mark de novo sobre seus calcanhares, seu pênis pendurava agora languidamente, seus olhos sobre Kevin, que se inclinava solicitamente sobre Kate.

Ela se sentou lentamente, apoiando-se em um cotovelo, e olhou os dois homens, um alto e loiro, o outro baixo e moreno. Os olhos de Mark ardiam, quando ele olhou os dois amantes. Kate se encontrou desejando que não estivesse ali por mais tempo. Fazendo caso omissos dele, voltou-se e sussurrou ao Kevin:

— Está bem, bebê?

— Sou grande — disse Kevin, apartando seus cachos de sua testa. — Você está ótima. Amo você Kate.

Ela beijou sua bochecha, saboreando o sal de seu suor, e pressionando suas coxas para reprimir sua necessidade sexual ainda não correspondida.

— Homem, aqui faz um calor tremendo — assinalou Mark, devolvendo a atenção de novo a ele. — por que não vamos tomar um banho? E que Kate nos traga um pouco de sobremesa. Ou espera vamos ter a Kate como sobremesa! — riu de sua própria brincadeira, e todos eles saíram à piscina.

O céu estava negro, pintado de avermelhado e com pontos de prata, e os grilos e as rãs punham o som de fundo do verão. A água estava cálida, já que Kevin mantinha a piscina com calefação, inclusive no verão, porque ele e Kate freqüentemente tomavam um banho quente de noite. Kevin saltou sobre as luzes da piscina, banhando-se em um quente resplendor. A piscina também estava iluminada por dentro, na água, criando um efeito nebuloso e mágico.

A água estava maravilhosa, refrescando sua necessitada e quente vagina e acalmando a sua vez a ardência das costas. Ela se lançou nadando para baixo ao fundo e logo subindo outra vez, sentindo-se livre e forte, como sempre se sentia na água. Os homens se apoiavam contra a borda da piscina, bebendo suas cervejas geladas, enquanto a olhavam. Ela saiu para respirar, movendo sua cabeça e afastando a água de seu rosto com uma sacudida de sua cabeça.

— Sua vagabunda ainda não gozou Kevin, devemos deixá-la carente ou devemos nos divertir?

— Você é o convidado — Kevin sorriu, agora totalmente em controle de si mesmo.



— Qual é o seu desejo?

Mark puxou uma bóia que estava flutuando perto.

— Então bem. Eu gostaria de vê-la jogar com ela. Esta vez com permissão.

Kate corou, percebendo que é claro que ele tinha observado sua mão, enterrada na vagina, enquanto ele tinha sodomizado seu amante. Kevin olhou para ela interrogativamente, mas não fez comentários.

— Vá em frente garota. Sobe sobre a balsa e nos mostre o que pode fazer. Entretêm. Faz atraente. Não se masturbe sujo e áspero. Dê-nos um show.

— Espera! — gritou de repente Mark. — Tenho um idéia! — saindo da piscina, Mark correu para dentro, deixando um rastro de manchas de água quando se foi. Pouco depois, ele voltou, sustentando um dildo grande de cor carne.

— Um de meus brinquedos favoritos — disse com um sorriso grande e malvado. — Sua moça utiliza brinquedos?

— Ela faz se lhe ordenar — respondeu Kevin. Mark deu o dildo e voltou para a borda da piscina, para estar de pé perto de Kevin.

Kevin segurou a corda que rodeava a bóia, mantendo a mulher nua perto. Ela sustentou o grande dildo um momento, comparando-o mentalmente aos dois homens. Nenhum era tão grande como essa coisa; não era de estranhar que os homens tivessem complexo sobre o tamanho do pênis! Perguntou-se por um momento, se podia acomodar um falo tão grande e inflexível, mas sabia que não tinha opção. Os homens estavam esperando.

Recordando a ordem de Mark de um espetáculo, Kate lambeu o eixo de borracha, molhando-o com sua saliva. Ela o colocou sobre sua língua e deslizou a cabeça para baixo, levantando a vista para observar os homens com um olhar coquete, como se gostasse de meter esta parte de borracha para baixo, em sua garganta.

Eles olhavam, suas cervejas esquecidas, como se tornava para trás na balsa e estendia suas pernas. Apontando o consolo para sua vagina, ela tocou com a ponta do mesmo sua



entrada. Gemendo um pouco, de exemplo, ela o pressionou e deslizou em si mesma, para logo retirá-lo lentamente.

Para sua surpresa e prazer, sentia-se bem! Isto não era Kevin, inclusive não era gordinho, mas era algo agradável e duro, e encheu-se de uma dor que tinha estado aumentando toda a noite. Os olhos de Kate fecharam-se, e se esqueceu dos homens que a olhavam com lascívia quando ela começou a foder a sério a si mesma. Sustentou o consolo para que pudesse estimular seus clitóris, já que escorregava dentro e fora de sua úmida vagina. Bombeou-o mais e mais rápido, retorcendo-se agora com verdadeiro prazer, já que ela sentia vir a doce liberação.

Por fim, ela ia ter a permissão para gozar! Seus gemidos tinham mudado a pequenas choramingações, e ela levantou seu traseiro da bóia para sentir e ter um melhor contato com o pênis de borracha.

—Ungh, ungh, ungh — chorava além da consciência de algo mais que do eixo enterrado em seu interior, montando com sua própria mão para chegar ao clímax.

—Por favor! —gritou, bem a tempo de recordar seu lugar, e recordar também que sempre devia pedir permissão ao Kevin para ter seu orgasmo.

—Sim! —gritou Kevin, completamente absorvido no espetáculo, e seu pênis de novo levantado como um mastro. Tanto os homens como ela suspiraram, quando deslizou pela borda do êxtase, gozando com força em sua própria mão, e salpicando de água pelo chapinho sobre a bóia quando ela estremeceu e se deixou levar pelo prazer.

Por fim ela acalmou o consolo ainda enterrado até o punho em sua vagina. Kevin nadou até ela, e com cuidado tirou o brinquedo de seu corpo. Kate abriu seus olhos e riu com olhos sonolentos para ele.

Mark ainda de pé no bordo começou a aplaudir lentamente.

—Aplausos para a puta. Muito bom espetáculo, Kate. Muito bom de verdade.

Kate se sentou, sentindo-se de repente modesta, e fechou seus pernas. Deslizou-se fora da bóia e ela mesma se envolveu ao redor de seu amante. Ele a sustentou e se moveram juntos a borda da piscina.

Mark comentou:

*A face da submissão*



*Claire Thompson*

—Poderia eu ter aquela sobremesa agora. Aquela outra sobremesa.

*A face da submissão*



*Claire Thompson*





## *Capítulo Quatro*

Quando Kate despertou à manhã seguinte, estendeu à mão, ela o fazia sempre para encontrar o caloroso e forte corpo de Kevin. Sua mão encontrou só os lençóis frescos. Ao abrir os olhos, notou que seu amante não estava no quarto. Era manhã, mas ainda cedo, podia dizer pelo sol enviesado que entrava pela janela, com todos os tons rosa e amarelos refletidos.

Kate se tornou para trás tentando recordar os sucessos da noite anterior. Eles tinham bebido muito desde esse momento. A sobremesa tinha acompanhado um café forte, e por creme irlandês Baileys.

Agora a cabeça de Kate pulsava ligeiramente, e sua boca parecia estar cheia de algodão amargo. Alcançou a caixa de Advil e engoliu várias pílulas pequenas com um gole grande de água.

Obscuramente, recordou que depois do bolo de chocolate e framboesa, os três se sentaram juntos, ainda nus, na cama, ela entre os dois homens, e enquanto viam a televisão tinham bebido mais conhaque e a tinham mimado.

Logo tinha vindo os suores nas costas, como em um filme de vídeo, qualquer demonstração de que tinham estado olhando a televisão terminou. Mark apertou o botão de desligar do controle remoto e ficou de pé.

—Bem, Kevin — disse, enquanto sorria abertamente — não te mostrei meu último brinquedo.

—OH, Mark e seus brinquedos — disse Kevin a Kate, como se Mark fosse um jovem que tinha que ser agradado.

Mark conseguiu sua bolsa de brinquedos e tirou uma pequena pasta fina. Pulsou o pequeno botão e elevou a tampa. Posto sobre o fundo púrpura havia uma haste negra de plástico, possivelmente de doze centímetros de comprimento. Havia também vários acessórios que podiam aparafusar à haste. Mark elevou um globo de vidro e uniu a haste. Pôs o dispositivo na tomada elétrica ao lado da cama e ligou.



O globo pareceu a Kate uma dessas coisas que eram como uma esfera de relâmpagos eletrostáticos, que tinha visto vender na Radio Shack ou em algum lugar, só que era menor e com uma alça.

—É uma varinha violeta — disse Mark triunfalmente, enquanto sorria perversamente a ambos — não sabem o que é isto?

—Eu ouvi falar deles, com certeza —disse Kevin— é para dar choque. É um dispositivo de jogos de tortura. Usado na cena para os jogos de festa. Mas não são perigosos?

—Não, não. Não se usado apropriadamente. Podem ser muito intensos, mas não perigosos, absolutamente. O violeta vem dos raios de luz que dá quando se desintegra o relâmpago. Vê? —Mark moveu a vara mais perto de seu braço, enquanto ondeava na taça sem substância o brilho de um relâmpago purpúreo — Vê, se usarem as faíscas elétricas com uma intensidade adaptável, se pode criar uma variedade de sensações que vai desde uma coceira débil até um choque estimulante. Seguro perto do corpo envia um fluxo contínuo de pequenas faíscas. E a combinação de estímulos elétricos é interminável.

Os olhos de Kate se estavam alargando quando ela olhava seu desdobramento. Isto era como um marcador de gado. Ela encolheu-se contra Kevin, e agarrou seu braço.

—Nós gostamos disso, Kevin? —sussurrou urgentemente.

Mark a ouviu, riu e disse:

—OH Kate, Não seja uma covarde! Você não é uma sub corajosa? A escrava valente e obediente que se submete a seu prazer principal? Ou só é uma amável prostituta masoquista, que só aceita a tortura quando lhe vem bem? Ehh? O que é submissa ou simplesmente uma puta?

—Mark, pare com isso. — disse Kevin, com um tom de advertência.

—Claro que Kate é submissa. Ela é a submissa mais sexy e mais valente que você já conheceu. Se eu lhe disser que se submeta a essa pequena vara, ela fará com gosto, não é assim, amor?

Kate tomou um gole de seu conhaque e o deixou não muito firmemente na mesa baixa que estava diante deles. Agora era Kevin que a tinha encurralado com seus elogios, ela sentia



que não tinha nenhuma escolha, por isso cabeceou, embora seu estômago estivesse atado pelo medo. O pensamento de pequenas descargas elétricas não era erótico, era simplesmente aterrador.

Mark assentiu, sua expressão indicava que ele tinha marcado um ponto, embora Kevin estivesse bêbado demais para notar a nuance. Mark continuou sua conferência sobre seu pequeno brinquedo.

—Você é bastante inocente. A corrente não viaja através de seu corpo. É mais como um choque estático controlado, mas muito mais agradável. Kevin me dê seu braço. Nós mostraremos a Kate como é inofensivo — Kevin lhe ofereceu seu braço obedientemente e Mark seguiu falando — eu estou usando o globo maior aqui. Seu grande tamanho faz ser o artigo mais suave no kit — ele virou o botão, enquanto baixava a intensidade, e aproximou a bolinha de vidro do braço de Kevin.

Devagar moveu o globo

— Te aviso menino de brinquedo, já que a distância aumenta a sensação à medida que isto passa, até que a distância se volta muito longínqua e o arco se rompe. Este globo é um artigo de pré-aquecimento que qualquer um pode tomar. —sente-se como um globo — comentou Kevin, — como a sensação de quando se esfrega um globo contra o braço.

—Correto — disse Mark enquanto sorria. — Embora se eu fizer isto... — ele virou o botão ligeiramente e Kevin deu um salto, já que a descarga elétrica tinha aumentado de intensidade — É um pouco mais que te passar um balão, não?

—Sim — sussurrou Kevin. Ele lambeu seus lábios e passou, mas ainda oferecia seu braço.

Mark o olhou cuidadosamente, como os pênis agora cresciam. Ele passou a taça por debaixo do braço de Kevin para seu peito, movendo-o mais perto e mais longe da pele de Kevin para variar as sensações. Kevin saltitou ligeiramente pelo aumento da corrente elétrica. Mas ele ficou quieto, salvo seu pênis que cresceu mais e mais alto.

—Sim — disse Mark, — eu pensei que te acenderia. Provemos sobre Kate, vejamos o que é capaz de agüentar.

—OH, não — disse Kate — eu não posso. Eu tenho medo do choque. Eu não gostaria.



—Katie, carinho. É sexy. Eu não te permitiria fazer algo que pensasse que você não gostasse. Ele acabou de fazer em mim. Sente-se como uns tremores. Como um sexy e pequeno choque contínuo. Está quente, bebê. Você pode fazê-lo. Para mim.

— Isso é correto. Ele não me permitiria fazê-lo, se não estivesse seguro — disse Mark, com um tom irônico quase amargo. Kevin parecia estar longe, e Kate sentia a tensão de novo entre eles. Uma parte dela só queria ir à cama, mas ela não era de um só disparo.

Embora só pedisse agora, isso não estava suficientemente claro.

Esperando aliviar a tensão, Kate assentiu.

— Certo, vou provar.

— OH doçura — disse Mark. — Agora a única maneira realmente de ter diversão é amarrá-la. Faz a tensão mais erótica — ele fez uma pausa um momento e então disse:

— Tudo bem sobre aquela mesa de exame? Vamos amarrá-la lá?

Kate segurou o braço de Kevin de novo, mas ele se apoiou contra ela, enquanto a beijava profunda e apaixonadamente. Ela aliviou seu apertão, e tomou outra taça de conhaque. Gostava de ser amarrada nessa mesa. Lembrava um filme de James Bond, onde ela era a espiã presa pelo bandido malvado da rede, esperando ser resgatada por Sean Connery, o verdadeiro Bond, para ela.

No quarto de jogos, Kate se deitou na mesa de exame, espessas correias que a seguravam comodamente, à mesa só por seus braços e cintura. Suas pernas estavam livres e as pês nos estribos, o que deu uma visão excelente de seu sexo depilado aos dois homens.

Para relaxá-la, e possivelmente a ele também, Kevin se apoiou entre as pernas de Kate e lambeu sua vagina durante uns momentos para recordar ao Mark quem a possuía realmente. Seus lábios incharam pelo beijo especial, e suspirou com luxúria, enquanto se arqueava contra ele como podia.

Enquanto isso, Mark a rodeava, enquanto sustentava sua pequena vara, o relâmpago púrpura dançava em seu globo. Ele atraiu o dispositivo perto de sua pele e ela deu uns poucos puxões. Não a feriu,



Kevin tinha razão, era como a eletricidade de um balão em um dia de inverno, só que mais intenso.

Kevin continuou lambendo sua vagina o que a manteve bastante distraída enquanto Mark movia a vara por cima de sua pele. Ele tocou o metal do anel de seu mamilo e isso enviou uma câibra que foi mais do que um formigamento.

—Doeu! —Kate gritou, enquanto dava puxões contra suas correias de couro. Kevin levantou a cabeça e perguntou:

—O que aconteceu?

—Nada, nada, — disse Mark, em tom calmo—. Desculpe Kate. Acho que não é uma boa idéia fazer contato com o metal. Terei mais cuidado.

Kate estava ofegante, mas realmente não estava ferida, estava mais assustada, agora que o choque havia diminuído.

Ela fechou seus olhos de novo, quando Kevin começou a chupar e provocar sua vagina molhada, enquanto colocava sua língua profundamente nela, com as mãos em suas coxas.

—Você pode tomar isto, pode Kate? É pouco mais que um beijo de eletricidade, correto? —perguntou Mark, e quando Kate assentiu, disse: — Kevin, eu quero provar uma cabeça diferente. Algo com um pouco mais de suco. Ela pode tomá-lo, é muito valente.

Kate quis ignorar o sarcasmo de sua voz. Era valente. Ela mostraria ao bastardo. Não protestou quando Mark destarrachou o globo pequeno e reajustou outra cabeça. Parecia-se com um pequeno restelo de cinco pontas.

Brandamente Mark o arrastou pela pele de Kate. Ela deu puxões e estremeceu ao contato, enquanto sentia uma série de diminutas descargas que se estendiam por suas terminações nervosas. Junto com os beijos de Kevin, e muito álcool, Kate mergulhou de novo em um transe sexual. Seus olhos se fecharam, ela empurrou repetidamente, gemia de prazer e dor que eram uma confusão em sua mente e seu corpo.

Quando Mark moveu a vara, para que uma ponta tocasse sua vagina, acima da cabeça de Kevin, ela saiu de seu transe sexual. A descarga se concentrou nesse ponto, e o susto a tirou da





mescla de prazer e dor e se converteu em simplesmente uma dor que registrou com um grito, enquanto dava puxões em suas ataduras.

—Kevin!!! —chorou— eu quero parar! Deixe-me! Quero parar!

Kate e Kevin não compartilhavam nenhuma palavra de segurança que se dava entre o Dom e seu submisso durante os jogos BDSM. Seus amigos na cena tinham palavras seguras, coisas como banana Split, ou outra luz vermelha. Mas Kevin e Kate sempre estiveram de acordo em que permitir ao submisso a possibilidade de deter uma cena era como uma fraude. Era para pessoas que não se conheciam bem, ou que não confiavam implicitamente neles, pensavam.

Para Kate, quando sentia que Kevin estava chegando muito longe, simplesmente dizia: Pare. E ele ou parava ou não fazia, apoiando-se em sua própria decisão do que ela poderia tolerar e até onde ele queria ir. Isso satisfazia Kate. De fato, elevava sua excitação e fez cada experiência submissa mais emocionante para ela.

Porque ela sabia que podia pedir que ele parasse, e ele podia fazê-lo ou não. Não era um jogo. Ela estava na verdade sob sua misericórdia.

Então, desta vez, sua mente precisava ser solta porque não era capaz de tolerar mais choques elétricos, e não deveria ter que fazê-lo ao lhe pedir que parasse. Ela esperava que ele a beijasse, murmurasse palavras de afeto e a soltasse.

Só que ele não fez. Era a interação entre os dois homens? Kevin estava determinado a mostrar ao Mark que Kate, como sua posse, podia tomar algo que Mark quisesse? Ou simplesmente ele tinha bebido muito, e não estava medindo a reação de Kate, seu nível de medo era muito real.

Em vez de soltá-la Kevin disse:

—Troca de cabeça, Mark. Não gosta do restelo. Experimente algo diferente.

Mark destarrachou a cabeça complacente e pôs um tipo sonda com cabeça de cogumelo. Escorregou-o pelas coxas de Kate, enquanto o movia muito perto de sua vagina.

Kate se contorceu em suas ataduras, enquanto gritava para Kevin que tinha medo.

—Ela é covarde. Não pode tomá-lo, não como você pode. Você é melhor submisso que sua submissa. Acho que você vai ter que tomá-lo por ela, não é menino brinquedo?



Mark estava atrás de Kevin, enquanto parecia ter perdido o interesse pela mulher nua que se retorcia atada na mesa. Ele passou as mãos de cima abaixo pelo Kevin por um momento e sussurrou:

—Eu vou usar o restelo com você, brinquedo. Vou mantê-lo até você fazê-la gozar. Quando ela gozar, você faz. Entendeu?

Kevin balançou a cabeça, deixando cair sua mão para baixo para acariciar seu próprio pênis quando balançou sua boca em cima da vagina de Kate, e seu amante se agachou atrás dele. Mark rastelou a pele de Kevin, enquanto variava a intensidade das descargas, fazendo às vezes que Kevin empurrasse para frente contra a vagina molhada de Kate, que amorteceu um grunhido de dor. Não gostava que torturassem seu amo. Não parecia o carinhoso e sexy jogo da noite anterior.

Ela fechou seus olhos, enquanto cedia ante sua língua e seus lábios, desejando não ter tomado tanto conhaque, desejando que Mark desaparecesse. Ela compreendia que tinha que concentrar-se em seu orgasmo, e assim liberar seu amante do jogo.

Quando finalmente a levaram sozinha, depois que Kevin a levou a um intenso orgasmo. No momento de seu clímax, Mark rastelou a vara pela parte de atrás do pescoço de Kevin, seus olhos brilhantes com o sádico prazer.

Kate não recordava muito mais. Tinha lembranças débeis de ter sido ajudada a chegar à cama e ser beijada na testa por seu amante, que disse que retornaria logo. Ela entrou em um estupor carregado pelo conhaque, do qual não saiu até essa manhã, quando despertou em uma cama vazia.

E onde estavam os rapazes agora? Kate se levantou, utilizou o banheiro, escovou seus dentes e lavou seu rosto. Empurrou seu espesso cabelo para trás, agora enredado e cheirando vagamente a cloro, e pensou que gostaria de uma ducha. Mas ela e Kevin sempre tomavam banho juntos, como parte de seu encantador ritual da manhã.

Foi em sua busca, enquanto colocava um pequeno robe de seda que lhe permitia usar por cima de seu corpo esguio. O que ela encontrou causou imediatamente repulsa e excitação. Seu homem e seu convidado estavam na mesa da cozinha, mas não sentados lado a lado.



Em vez disso, Mark estava em uma cadeira, à cadeira à cabeça da mesa que normalmente era de Kevin. Ele usava um robe negro, que estava aberto, e seu grosso pênis para fora. Kevin se ajoelhava a seus pés, sua boca aberta quando Mark deslizou uma garfada de panqueca em sua boca.

Kevin mastigou e engoliu. Então ele moveu sua boca ao pênis de Mark que obedientemente engoliu tanto quanto pode até sua garganta da posição em que estava no chão. Chupou-o um momento, e então se retirou. Mark deu uma mordida na panqueca, ofereceu outro ao Kevin, e tudo começou de novo.

Kate se moveu contra o marco da porta, e os dois homens voltaram-se para ela. Kevin vacilou ligeiramente, mas não se moveu.

Mark riu e a chamou.

—Bom dia, pequena vagina. Olhe onde tenho o seu Amo! Direto no chão onde pertence, meu pênis em sua boca, ele de joelhos. E o isso faz de você garota escrava? Escrava do escravo, hein?

Kate olhou para ele, em muda confusão. Escrava do escravo? Não gostou da idéia! Seu amo não era escravo de ninguém! E, entretanto, a imagem que via era uma declaração clara do contrário. Kevin era tão submisso como ela era, pelo menos a este homem.

—Tire o robe, escrava — ordenou Mark. Kate olhava Kevin, mas ele estava repentinamente ocupado pelo Mark, que empurrou seu pênis na boca de Kevin sustentando pela parte detrás da cabeça. Mark olhou fixamente a Kate, para dizer, eu estou no comando aqui. Olhe para mim.

Kate deixou cair o robe, e Mark torceu um dedo para ela, enquanto gesticulava para que se aproximasse.

—Faminta querida? Você gostaria de um pouco de pênis com café? — deixou ao Kevin e disse: — sente-se, brinquedo. Sua substituta chegou.

Kevin ficou de pé. Ele estava até avermelhado, mas agora Kate podia ver que seu pênis estava tão ereto como o de Mark. Tomou Kate em seus braços, e a beijou na boca.



—Bom dia, bela menina — sussurrou. E disse mais forte, — Dormiu bem, anjo? Estava praticamente desmaiada. Nada mais de conhaque para você.

Então gentilmente apertou seu ombro, e Kate se ajoelhou obedientemente ante seu convidado. Começou o mesmo ritual, primeiro alimentando-a com uma mordida de comida e logo seu pênis. Ela foi golpeada de novo com a enormidade da cabeça de seu pênis, e decidiu que o pênis de Kevin era muito mais bonito, e melhor proporcionado.

Kevin se desculpou por um momento, e Mark pareceu cansar-se de repente do jogo.

—Sente-se à mesa — disse bruscamente. Quando ela obedeceu, disse— Então, quais são suas intenções com Kevin?

—Perdão? — Kate não estava segura se tinha ouvido corretamente. O homem parecia como se fosse o pai de Kevin e ela estivesse pedindo a mão de Kevin em casamento. Ela sorriu um pouco ante esse pensamento.

—Quero dizer — seguiu Mark, não divertido — acha que vai ficar aqui indefinidamente? Devo te advertir de que Kevin não tem relações. OH, ele a princípio é ótimo, muito bom amante e muito romântico. Entretanto, ele é meu — se inclinou para frente, baixando a voz, falando rapidamente, como se soubesse que Kevin podia retornar a qualquer momento — Kevin tem fobia ao compromisso. Igual a mim. As mulheres vão e vêm em nossas vidas, mas sempre estamos nós ao final. Fomos amigos e amantes — fez de maneira significativa uma pausa, como se estivesse esperando uma resposta, mas como não a teve continuou — muito antes que entrasse em cena, pequena. Só te aviso por seu próprio bem. Então não se apegue muito.

Kate olhou fixamente para Mark um momento. Ela não havia esperado isto! O homem a estava advertindo para que se fosse!

Ela se sentia como se estivessem no colegial e outra moça lhe dissesse que tomasse cuidado, e se separasse de seu cara.

Mas esta não era nenhuma moça do colegial, e Kate não tinha nenhuma intenção de recuar, apesar de que Mark jurasse que ela e Kevin não iam durar.

O nervo do homem! Compreendeu com compaixão que Mark se sentia ameaçado por ela. Possivelmente esta era a primeira vez que a dinâmica era diferente entre eles, já que o



ingrediente do amor, o amor entre Kevin e ela, tinha deixado de fora ao Mark. Mark obviamente não tinha contado com isso. Possivelmente ele estava apaixonado pelo próprio Kevin! A idéia era estranha, mas explicaria um pouco a conduta. Kate considerou a possibilidade de ficar a um lado e confiar no que Mark havia dito. Ele retornou à cozinha depois de um momento, trazendo umas flores frescas de seu jardim, e parecendo muito orgulhoso de si mesmo. Ela não tinha coragem para estragar seu dia, e decidiu que poderia parecer ciumenta ou uma criança se falasse dos peculiares comentários de Mark. Bem simplesmente, deixaria passar. Depois de tudo, ele iria logo.

Depois do café da manhã, quando Kate estava lavando os pratos, os dois homens se sentaram à mesa, enquanto bebiam café.

—Infelizmente, tenho que sair à hora do almoço —estava dizendo Mark— mas isso nos dá um espaço de duas horas para jogar, brinquedo. Eu tenho umas idéias más na cabeça.

—Tenho certeza que tem — sorriu abertamente Kevin.

Kevin usava shorts jeans cortado. Estava incrivelmente sexy quando levantou alguns pesos com Mark na sala de exercício. Mark foi admirar abertamente os peitorais de Kevin, sua mão passou pelo peito do homem quando marcaram ao elevar uns noventa quilos de peso por cima de sua cabeça.

Kate estava de pé, nua exceto pelas algemas de seus pulsos, tornozelos e pescoço. Encontrou-se sentindo-se proprietária de Kevin, desejando afastar as mãos de Mark longe.

Mas depois do café da manhã, enquanto estavam na ducha, Kevin havia dito que queria que continuasse obedecendo ao Mark.

—É estranho —tinha admitido— algo mudou definitivamente entre nós. Acho que é por você — quando Kate começou a protestar, Kevin depressa explicou —, não, não quero dizer que seja sua culpa ou algo assim. Não, de fato, você se comportou maravilhosamente, realmente fez querida. Você se submeteu com valor e graça, inclusive a coisas que eu sei que não são confortáveis para você. Se for possível, estou mais apaixonado por você agora do que nunca.

Kate sorriu, acalmada, quando Kevin continuou.





—Penso que o que quero dizer, é algo que disse Mark: quando o amor entra na equação, muda as coisas — Kate recordou que isso não era precisamente o que havia dito Mark, mas não o corrigiu — E é verdade — seguiu — Mark e eu estivemos ao redor durante anos, possivelmente uma dúzia de vezes. E sempre tem sido divertido. Não esta estranha tensão subjacente que sei que estamos sentindo de vez em quando neste fim de semana. Em minha opinião, isto pode soar estranho, dado como Mark é arrogante e seguro de si mesmo, mas acredito que ele pode estar ciumento. Não de você, pelo que sei. Não estou dizendo que ele esteja apaixonado por mim ou algo assim. Eu quero dizer que ele tem ciúmes do que nós temos juntos. Você e eu. Eu não posso recordar Mark com uma relação de longo prazo com ninguém. Ele está aí, tem encontros, mas nem sequer sei se é capaz de comprometer-se. Possivelmente sempre tem funcionado tão bem entre nós porque é há muito tempo é da mesma maneira. Nós jogamos antes com uma mulher, normalmente minha namorada do momento, mas ela nunca importou. Ela foi sempre— sei que isto soa muito mal, mas sempre foi accidental. Não importava seu próprio bem. Isso soa muito cruel, eu sei. E acho que foi.

Ele olhava para Kate, enquanto tentava avaliar se ela entendia o que estava querendo dizer. Ela se apoiou contra ele, enquanto apertava sua bochecha molhada contra seu peito. A água quente lhes orvalhava meigamente enquanto Kevin seguiu.

—Agora, de repente, Mark encontrou uma nova coisa em mim. Estou apaixonado. E ele sabe. E eu não vou deixá-lo fazer o que quiser. Porque é sobre você. Você não é um incidente, é meu principal objetivo e minha grande preocupação. Amo você, Katie.

—Posso fazer uma pergunta? Uma pergunta contundente?

Kate sabia que estava pisando em um terreno perigoso agora. Houve coisas entre seu amante e Mark que, evidentemente, não entendia.

—Claro Kate, sempre.

—Bem nós temos que ir em frente? Quero dizer simplesmente não podemos dizer ao Mark que é real, que acabou, para que ele o veja? Temos que seguir nos submetendo a ele?

Kevin foi para trás.



—Kate. Não está se divertindo? Quero dizer, eu sei que ele é diferente de nós. Nós somos românticos, e ele simplesmente está para o sexo. Mas você não acha que está quente? Hey, você foi sempre a que estava me perguntando sobre minhas experiências gays. Você foi a que disse que estava quente de imaginar a mim e algum outro cara fazendo na sua frente. Agora suas fantasias se tornaram realidade, certo? Quero dizer, não tem? Ou — seu rosto se obscureceu de repente, e seus olhos se abriram com cuidado — ou realmente ficou enojada? E já não me ama, ou quer me obedecer, porque sou bi? Sempre soube que era bi, Kate. Eu disse desde o começo. Você sabia que tinha saído com rapazes. Eu acreditava que havia dito que era sexy. Agora está dizendo que o deixe?

—Não, não — Kate se apressou a negar — Não, absolutamente. É sexy. Não é por isso, por favor! Só que, bom. Trata-se de Mark. Há algo com ele. Não sei. Talvez...

Fez uma pausa, desejando não ter falado. Talvez só estivesse insegura. Ela estava acostumada a ter Kevin só para ela. Mark estava muito seguro de si mesmo, e tinham compartilhado anos de proximidade antes que ela entrasse em cena. Possivelmente ela tinha ciúmes!

Kevin franziu o cenho.

—OH, Vamos Kate! Ele só bebeu muito ontem à noite. Devo lhe dizer que foi muito mais intenso do que somos você e eu.

Entramos mais na dor, e menos no erotismo. Ele me usou mais duro do que viu até agora. Realmente me usava. Eu só descobri isso agora, em uma relação amorosa com você, me sinto como seu Dom. Como no controle. E com Mark, sinto-me como seu submisso, já que sou seu menino de brinquedo. Mas, por favor, não fique ciumenta. Por favor, compreende, comigo e com Mark, é só um jogo, não somos um do outro. Para falar a verdade, eu não sou como ele. Mas eu procuro o que fazemos juntos. É intenso. Entende?

Ela não fez. OH, entendia que ele recebia uma emoção dos intensos jogos que Mark jogava. Mas ela não entendia como podia querer continuar jogando com alguém que o fazia sentir-se incômodo.



Nesse momento, uma brecha se abriu entre eles. Era silencioso, mas insidioso, como uma rachadura no gelo de um lago congelado. Kate sentia como algo frio que se rompia dentro dela.

Mas não disse nada. Olhando para seu homem bonito, seu rosto estava tão sério e aberto, tão ansioso para ela aceitar o que disse, engoliu seus pensamentos e sorriu, a água quente correndo por seu rosto como lágrimas.

Beijou-a, e ela o beijou, enquanto escorregava para baixo por seu corpo quando se ajoelhou devagar, enquanto tomava seu pênis na boca e beijava-o até que cresceu e endureceu contra seus lábios.

Brincalhona, ela introduziu seu membro em sua boca calorosa e lambeu, formou redemoinhos sua língua, até que ouviu o gemido de seu homem. Não se deteve até que gozou, tremendo, em sua garganta.

—Ops — ele disse, enquanto ria — Eu não deveria fazer isso! As regras quando jogo com Mark é que só gozo diante dele. Fui um menino mau.

—Eu não vou dizer — disse Kate, enquanto se sentia triunfante em segredo, como se tivesse roubado algo do Mark. Ela estava exagerando, tinha certeza. Mark não era um cara mau. Mas não era seu tipo, mas definitivamente tinha sido sexy alguns momentos entre eles.

Kevin evidentemente estava emocionado de ter Mark ali, e reconheceu que tinha sido quente ver os dois homens, e que tinha desfrutado um pouco de sua própria exibição na piscina.

Sim, em geral, sentia-se mal. Mas não foi como se a afastassem. Não ia ficar, ia embora nesse mesmo dia. Fez feliz ao Kevin ter ao redor, um velho amigo do passado. Um aviso de seus dias selvagens da universidade, possivelmente. E se hoje eles não bebessem tanto como ontem à noite, certamente as coisas iriam bem.

O mais importante para Kate, era que Kevin queria isto. Kevin secando os cabelos disse:

—Lembre-se, Mark continua sendo o mestre, até que se vá. Você o obedece, e faz o que ele disser, desde que eu não proteste. Às vezes pode sair um pouco de mão, mas acredito que agora tem bem claras as regras do jogo. Está preparada, sexy? —Kevin passou um dedo pelo interior do sexo de Kate. Ela gemeu enquanto se apertava contra ele, amando a percepção dele

## *A face da submissão*



*Claire Thompson*

dentro dela. Quando moveu o dedo, sabendo como conduzir sua natureza, beijou-a. Voltando para trás, sussurrou.

— Faça-me orgulhar, escrava.



## *Capítulo Cinco*

Kate olhava seu homem, suando e arfando, como Mark lhe tocava, deixando suas mãos deslizarem pelo torso liso de seu amante.

—Baixa-o — mandou Mark. Quando Kevin desceu cuidadosamente o peso, Mark se voltou para Kate. Mostrando à bicicleta ergométrica, perguntou ao Kevin:

—E exercícios forçados? Lembro de algumas sessões adoráveis. Você com o suor escorrendo pelo queixo e bíceps. Seu lindo cabelo loiro emaranhado e úmido, o rosto um estudo da dor.

—Não — admitiu Kevin— Não tenho treinado com a Kate. Ela é tão fina que tenho medo de deixá-la em nada.

—Bobagem. Fortalecerá! Ela poderia usar mais alguns músculos. Vamos colocá-la na bicicleta. Amo ver as pérolas de suor entre os seios de uma mulher, enquanto caem gotejando por seu corpo. Como um animal selvagem no cio.

—Bem, se realmente pensa assim — Kevin duvidou, mas então esteve de acordo — Tudo bem, Kate. Vamos mostrar que você não é nenhuma fracote. Ajusta no alto.

Kate subiu obedientemente para o assento acolchoado. Era comprido e estreito, e ela simplesmente devia sentar-se para esfregar seu clitóris e ficar quente enquanto pedalava. Kate não era estranha aos exercícios, e embora Mark a insultasse dizendo que ela era muito magra, ela era de fato muito forte.

Pôs a bicicleta à proporção adequada, baixando a velocidade, enquanto aumentava ao máximo a resistência. Apoiando-se para frente, começou a pedalar consciente de seus seios, com os aros de ouro em seus mamilos, pendurando para frente e balançando enquanto ela pedalava. Os homens a olharam silenciosamente um momento e então Mark disse:

—Enquanto ela faz exercício procurando um bom suor, eu não posso esperar para provar essa cadeira fria — voltando-se para Kate, Mark admoestou-a — Não pare. Quando eu retornar espero ver que trabalhou para obter um suor decente.





Ele e Kevin deixaram à garota com sua tarefa, e entraram no quarto de jogos. Kevin se sentou no que se chamava a cadeira do diabo. Era formada de couro negro, polido para brilhar, sobre uma armação de metal resistente. A cadeira tinha cinturões e algemas para impedir os braços, pernas e torso do escravo de mover-se.

Kevin se sentou de boa vontade, enquanto permitia ao Mark atá-lo, deixando seu pênis completamente exposto. Mark o grampeou firmemente e então se ajoelhou entre as pernas de Kevin.

Brandamente agarrou as bolas de Kevin com uma mão, enquanto beijava ligeiramente e lambia seu pênis até que cresceu em uma ereção completa. Sem a Kate ali para impressionar, parecia menos dominante, mais um amante que um amo. Devagar ele abriu sua boca, e tomou inteiro o longo e grosso pênis de Kevin. Como tinha ensinado a Kevin, ficou perfeitamente imóvel, sua traquéia bloqueada pelo membro de Kevin, seu rosto pressionado contra o osso púbico de Kevin. Lentamente ele se retirou e, depois, repetiu. Kevin gemeu e suspirou quando Mark esfregou as mãos ao longo de seu pênis e brandamente brincou com suas bolas.

Quando Kevin estava ofegante, claramente a ponto do orgasmo, Mark se retirou fora completamente e ficou de pé, com um olhar perverso em seus olhos.

—Quer gozar, não é, brinquedo?

Kevin assentiu, dizendo em um sussurro:

—Por favor, senhor, me permita gozar.

Mark ficou de pé, inclinou-se sobre o homem amarrado e deu um tapa no rosto. A cabeça de Kevin girou para o lado, e seus olhos arregalaram. Mark se abaixou e o beijou duro na boca. Estava de pé, enquanto sorria olhando abertamente o pênis de Kevin que estava quase em paralelo com o seu estômago plano. Era óbvio que a reação de Kevin se acendeu pelo que Mark estava fazendo.

—Me deixe gozar — sussurrou de novo, a necessidade aparecendo em seu rosto.

—O que, não quer gozar na boca de sua amante? —Mark cuspiu a palavra amante como se fosse um insulto — OH, espera, esqueci. Ela está na outra sala, encurvada na bicicleta



enquanto você está aqui, todo amarrado. Não pode fugir, mesmo que quisesse, poderia, brinquedo? Você se encontra realmente a minha mercê, agora mesmo, não é?

Kevin balançou a cabeça lentamente, com os olhos brilhantes. Ainda estava excitado, mas uma margem de confusão, de dúvida, estava entrando na equação por fim. Seu pênis murchou ligeiramente e Mark notou. Bateu no pênis de Kevin, e disse:

—Mantém menino, ou vou chicotear até que esta coisa sangre — bateu no pênis de Kevin, mais forte de novo. Kevin gritou, e começou a protestar, mas Mark pôs suas mãos brandamente em cima da boca de Kevin.

Deixando cair de novo de joelhos, sorriu ao Kevin. Então beijou e lambeu o pênis que simplesmente tinha golpeado.

Suavemente, ele disse:

—Não, não, querido. Estou brincando. Você me deixava fazer tudo, lembra? Agora, de repente, há todas estas regras. Essa garota te enfeitiçou, não é? Você não é mais meu menino de brinquedo, não é, Kevin?

—OH Mark. Por favor. Kate e eu estamos apaixonados. Você sabe disso. Isso não significa que eu não possa me divertir de vez em quando. Acredito que você deve me soltar desta coisa. Vamos — a voz de Kevin era tranqüila, mas havia uma insistência subjacente e possivelmente uma nota de pânico.

Mark o olhava, uma faísca de irritação acendia seus olhos. Mas ele escondeu rapidamente, quando sorriu de novo.

—Sim, sei. Realmente está crescendo, eu acho. Algo que eu não sei se farei alguma vez. Não pelo menos com uma relação considerada normal — de novo a brincadeira era evidente em seu tom e Kevin se moveu nervoso.

—Ei Mark, amigo. Deixe-me sair disto agora! Vamos verificar a Kate.

—OH sim, vamos verificar a merda da Katie. Vou ver se ela continua na merda do assento da bicicleta.

—Mark — o tom de Kevin era de advertência. Isto já não era engraçado.



—Eu irei verificá-la, companheiro. Você apenas sente direito — Mark riu um pouco, era óbvio que Kevin não tinha escolha.

Entrou na sala de exercícios, Kate tinha trabalhado até o suor. Ela estava respirando com dificuldade, e as rodas da bicicleta eram simplesmente um borrão com seus pés girando e girando. Seu corpo brilhava com o suor, e quando ele olhou, uma pérola grande de suor escorregou de sua bochecha, enquanto caía entre seus seios.

—Não é uma bonita vista — disse Mark— Tão quente, literal e figurativamente. Faz que queira te atirar ao chão e foder aí mesmo. Escorregando meu pênis nessa pequena escorregadia vagina nua.

Kate não gostou de seu tom. Onde estava Kevin? Sem que ele dissesse, Kate deixou de pedalar e perguntou:

—Onde está Kevin?

—OH, está um pouco, uh, detido agora. Na sala de jogos. Disse que começássemos sem ele.

Kate desceu da bicicleta, as pernas tremiam ligeiramente, seus músculos completamente fatigados. Tirou o suor de sua testa com o dorso da mão, e sacudiu o cabelo castanho avermelhado úmido de seu rosto.

—Onde está Kevin? —perguntou de novo.

—Menina tola, disse-lhe isso. Na sala de jogos. OH, tudo bem, vamos lá — disse ele, quando o rosto de Kate se enfureceu — Jesus, tem que estar atada em seu quadril ou algo assim?

Eles entraram no quarto de jogos e Kate viu seu homem, preso firmemente à cadeira do diabo, a cadeira em que às vezes ele a atava, deixando-a exposta completamente a suas doces torturas.

Quando Kevin punha Kate na cadeira, ele prendia suas pernas muito abertas. Invariavelmente, ele começava com um castigo lento, com cócegas, enquanto usava a pluma para elevar a sensação pelo seu corpo. Às vezes, ele fustigava suas coxas e sua vagina nua



ligeiramente, enquanto olhava com prazer e luxúria como seus sucos começavam a fluir, enquanto evidenciava sua excitação junto com seus lamentos de prazer.

A tortura normalmente acabava com Kevin deixando-se cair de joelhos, chupando e lambendo-a até que ela gritava pedindo clemência. Sua tortura favorita era levá-la ao limite, acima e acima, mas negando o alívio. Seu corpo estremecia, tão perto, e ele parava. Mais e mais, só ele sabia em que medida tomá-la até o final em que literalmente chorava de frustração, desesperava-se por gozar, desesperava-se por liberar-se. Quando finalmente cedia, sem deter-se, quando seu corpo estremecia, e seus gritos se convertiam em um rosário de necessidade, ela tinha um clímax tão duro que às vezes ela realmente desmaiava pela intensidade do orgasmo.

Era estranho ver seu amo ali, ele mesmo nu e preso com as tiras de couro ao redor de seu peito, pulsos, coxas e tornozelos.

Mark empurrou Kate dentro do quarto.

—Olhe a Kate, Kevin. Ela conseguiu um suor muito sexy. Não concorda?

Kevin cabeceou, sorrindo para Kate, seu pênis subindo a meio mastro.

—Kevin, você gostaria de me ver utilizar o chicote com sua escrava. Vou utilizar o chicote. Aquele tão bonito ali — apontou para um chicote fino e comprido que estava à meio caminho da parede.

Era negro, com um retângulo brilhante de couro no final, ideal para golpear um traseiro arredondo.

—Eu nunca vi alguém dar uma boa surra em Kate com o chicote — disse Kevin — mas por que não me solta e lhe damos a primeira, Mark? Posso ajudar a segurá-la se for necessário.

—OH, não, brinquedo. Você não vai sair daí tão cedo. Eu não me diverti ainda com você. Não. Posso me ocupar sozinho desta pequena menina, obrigado — Se Kevin se deu conta do desafio tácito em suas palavras, não disse nada. Possivelmente decidiu que estaria humilhando Mark por não permitir tê-la a sua maneira. Mark apontou o chicote.

—Vá buscá-lo, escrava, para que eu possa usá-lo em seu traseiro. Depressa — com um olhar ao Kevin, sem importar se isto incomodava ao Mark, Kate caminhou para frente. Kevin



assentiu e sorriu tranquilizador. Devia saber o que estava fazendo, raciocinou ela silenciosamente. E de qualquer maneira, este homem sairia de suas vidas em uma hora ou duas.

Ela pegou o chicote e o entregou a Mark.

—Eu preciso de um pouco de água — disse. Ela continuava suando ligeiramente e tinha muita sede.

—Depois da punição, doçura. Então poderá ter toda a água que queira. Agora, curve-se e me mostre esse traseiro maravilhoso.

Kate obedeceu, oferecendo seu traseiro sexy para o chicote. Mark tinha colocado na frente de Kevin, para que tivesse uma visão perfeita de sua vagina, e seus doces lábios pequenos que se viam do outro lado, como fazendo um convite. Mark começou ligeiramente, enquanto golpeava primeiro com força uma bochecha e depois a outra. Uma e outra vez pegou-lhe com um ritmo constante, até que o único som do quarto era a trabalhosa respiração de Kate e o som do couro contra a pele. Sentia-se enjoada, pela intensidade da flagelação e também pela sede. Ela se moveu um pouco, e Mark segurou seus pulsos com uma mão, para sustentá-la. Embora estivesse à mesma altura que ela, era muito mais forte, e suas mãos eram muito maiores. Puxou suas mãos, afastando-as de seu corpo, obrigando que estendesse suas pernas para manter o equilíbrio.

—Por favor — sussurrou Kate. Mark parecia não ouvi-la — por favor — disse ela de novo, realmente não se atrevia a articular a palavra que necessitava para detê-lo. Ela não queria que Kevin se envergonhasse.

Mark era um perito com o chicote, ia criando simplesmente uma picada o bastante para acendê-la, mas sem perturbar o delicioso equilíbrio erótico entre o prazer e a dor. Mas ela estava sedenta e um pouco atordoada da noite anterior. E não gostava de ver seu homem, impotente e necessitado como estava na cadeira do diabo.

Ela queria deitar-se com Kevin. Sozinho.

—Por favor — sussurrou de novo, esta vez diretamente suplicante ao Kevin.

Kevin finalmente interveio, dizendo:

—É suficiente, Mark. Ela teve suficiente.





Mark se acendeu de repente, seu rosto firme, seus olhos selvagens.

—OH, isto é o bastante? Hein menino brinquedo está me mandando de novo? Toda a porra deste maldito fim de semana estive parado em cada coisa. Que diabos aconteceu, Kevin?

—Quando se converteu no cão mulherengo desta vagina?

—Isto foi suficiente — gritou Kevin — me deixe sair daqui agora. O jogo terminou Mark. Você cruzou a linha definitivamente.

—OH, terminou? Acho que me lembro que sou o único que diz quando terminou menino brinquedo. Você não está exatamente em uma posição para protestar, não é?

Kate ficou de pé devagar, esquecida no momento, vendo este enfrentamento com crescente horror. Mark devia ter perdido a cabeça! Ela se apressou para Kevin, com o objetivo de desatar seus pulsos em primeiro lugar. Mas Mark foi muito rápido para ela.

—OH, não, não, cadela! —Mark agarrou Kate por trás, puxando-a para longe de Kevin. Ela gritou, mas era muito forte para ela.

—Ainda não. Vou soltá-lo, mas ainda não.

Mark agarrou Kate com um braço enquanto baixava suas calças jeans com o outro. Chutou-o longe, enquanto ainda sustentava à moça lutando em seus braços. Kevin estava rugindo agora, gritando ao Mark que o soltasse ou responderia ante ele, mas tarde.

—OH cale-se, Kevin, você é tão tedioso. Não sabia que esta cadela tinha te convertido em um mestre de escola, pelo amor de Deus. Calem a boca!

Mark agarrou as algemas de couro dos pulsos de Kate, enquanto as punha atrás dela. Sujeitou-os rapidamente juntos, e então a empurrou ao chão. Agarrando seus tornozelos fez o mesmo.

Então, ele forçou uma mordaca entre seus dentes, silenciando os protestos a um grito surdo. Enquanto ela se retorcia no chão, ele se aproximou de Kevin que deu puxões contra as restrições de couro enquanto lançava maldições ao Mark.

Mark pegou outra mordaca bola de sua bolsa de jogos e a assegurou em torno da cabeça de Kevin. Kevin tentou protestar, mas não podia fazer nada. Uma vez amordaçado, Mark foi para trás, satisfeito.



—Há, agora talvez cale a boca.

Os olhos de Kevin estavam ardendo de raiva e de algo mais. Medo. Devia ter se dado conta de que tinha colocado Kate em uma situação terrivelmente perigosa. Ela estava agora a mercê do homem em que tinha pensado que podia confiar. De algum jeito, o que se supunha que ia ser um fim de semana divertido e selvagem, tinha ido horivelmente mal. E Kate! Ela tinha tentado lhe advertir, e a tinha silenciado, convencido de que só estava ciumenta.

Em vez de escutar, realmente escutar, os pressentimentos genuínos de Kate, a tinha tratado como menos importante que ele mesmo. Tinha permitido a seu próprio orgulho, e sua própria ilusão que as coisas podiam ficar igual como tinha sido, para nublar sua razão. E agora seu amor poderia estar em perigo real! E não podia nem sequer falar com Mark para que parasse, falando para lhe tirar essa loucura temporária, se era isso o que era.

Talvez tivesse havido entre eles mais do que se deu conta. Talvez, enquanto ele tinha pensado que só eram jogos, para Mark tinha significado mais. Possivelmente Mark se sentia traído e humilhado. Algo que ele sentisse tinha quebrado claramente em seu cérebro, e Kevin se via obrigado a olhar a cena que se desenvolvia.

Mark se aproximou de Kate, que estava retorcendo-se tentando lhe dar chutes quando ele se aproximou. Mark alcançou os anéis dos mamilos, enquanto lhe dava puxões a cada corrente. Kate se acalmou imediatamente, o terror se mostrava agora em seu rosto, misturado com a dor.

—Assim, Katie de merda. Pensei que isto te acalmaria bem. Agora isto é o que vai ocorrer. Eu vou te foder pelo traseiro com meu pênis grande e bonito. Kevin não está em condições de intervir neste momento, e vou mostrar o que se sente ao ser usado como um homem. Como eu gosto de usar um homem.

Quando falou, Mark forçou Kate a ficar de joelhos. Porque suas mãos estavam atadas atrás dela, viu-se obrigada a apoiar seu peso na testa quando Mark a empurrou para frente, enquanto montava suas pernas por trás.

Pegando uma fina corrente, ele a deslizou rapidamente através da corrente de cada um dos mamilos e a esticou firme, enquanto a sustentava com suas mãos. Puxou ligeiramente para



ele, o que demonstrou a Kate o que acontecia se de repente se movia, ou escolhia dar puxões, as corrente arrastariam as pequenas barras de seus mamilos, ferindo-a ou algo pior.

—Correto —disse— agora é consciente de sua posição né? Posso rasgar as barras se quiser. Não se preocupe, não quero, contanto que se comporte. Contanto que me deixe foder seu pequeno buraco traseiro. Que vou fazer, agora mesmo.

Kevin estava esticado em sua cadeira, seu rosto vermelho, os tendões destacavam em seu pescoço. Tentava entender o que acontecia a cabeça de Mark, tentando se colocar no lugar de Mark. Kate estava assustada e humilhada. Ia ser estuprada! Não a fantasia sexy de estupro que em realidade era consensual, mas um ataque brutal, uma tomada de algo que amava. Uma traição da confiança.

O rosto de Kevin estava marcado de impotente raiva. Estava claro, que se pudesse ficar livre neste momento, Mark seria um homem morto. Em vez disso, Kevin se viu obrigado a ver como Mark lubrificava seu pênis e apertava a cabeça bulbosa contra o ânus de Kate.

Ela fugiu no início, mas rapidamente se acalmou, quando Mark deu puxões duros à corrente enganchada às barras dos mamilos. Kate apertou seus olhos fechados, enquanto se submetia a uma violação anal que seu amante se via obrigado a assistir. As lágrimas caíam por seu rosto até o tapete, mas ela não gritou, em seu lugar mordia forte a borracha dentro de sua boca, tentando se manter imóvel tudo o que pudesse.

Mesmo ao ser sodomizada à força, ela estava pensando em seu amor. Ela não se atrevia a olhá-lo, temendo arrebentar em lágrimas, e perturbá-lo mais. Sabia que isto devia ser uma tortura para ele, ver o que estava ocorrendo. Ela entendeu a diferença claramente entre seus intercâmbios consentidos de poder e este ato de violência. Prometeu-se a si mesma em silêncio só recebê-lo através dela, e de algum jeito fugir deste homem horrível. Ela chamaria à polícia e o prenderiam por violação.

Mark apertou de novo contra sua cativa, esta vez entrando nela. Kate gritou involuntariamente contra sua mordaça, um murmúrio de dor, ele forçou seu caminho além do anel de músculos de seu ânus.



Dentro e fora ele escorregou, puxando ligeiramente a corrente para lhe recordar seu lugar.

Mark estava gemendo, seu corpo quente e suado contra ela. Cada vez que bateu nela, Kate raspou a testa contra o tapete, queimando a pele. Seu cabelo estava selvagem sobre seu rosto, enquanto bloqueava a vista de seu amante, mesmo que se atrevesse a olhar para ele. Depois de alguns minutos, Kate realmente sentia a dor aliviar. Seu corpo estava acostumando-se à invasão, e soube que se podia agüentar um pouco mais, poderia tomá-lo, teria terminado logo. Mark enterrou-se forte contra ela agora, enquanto gemia e grunhia como uma espécie de animal selvagem. Finalmente, disparou sua carga dentro dela e se enterrou de repente contra ela, puxando acidentalmente as tensas corrente, tirando um último chiado surdo de Kate contra a bola presa em sua boca.

Mark saiu dela, enquanto deixava um atalho de sêmen ao longo de sua coxa. Ficou de pé, enquanto olhava como Kate caía para um lado, ainda presa de mãos e pés. Ele olhou ao Kevin, seus olhos selvagens, sua respiração trabalhosa. Rapidamente Mark afastou o olhar. Levemente disse:

—Bom, foi divertido crianças. Desculpe, mas esqueceu que a apresentação era sobre menino de brinquedo. Creio que não vamos nos ver novamente. Provavelmente será muito para qualquer um de nós.

Olhou fixamente outra vez a Kate, que como um animal acuado, encontrava-se muito quieta onde tinha caído, como se esperasse que ele não a notasse mais.

Mark pegou seu jeans e saiu do quarto, deixando ambos atados e amordaçados. Kate se retorceu furiosamente. O bastardo ia escapar! Ela queria chamar o 911 e que o prendessem!

Quando ela lutou contra as algemas, a realidade começou a golpeá-la. A polícia chegaria e ao ver seus quarto de jogos, algemas e chicotes, nunca compreenderiam a enorme diferença entre um amante e intercâmbio voluntário de poder, e a violação que acabava de ter lugar. Eles provavelmente acabariam prendendo os três. Quando esses pensamentos penetraram através de sua mente, Kate escutou a porta abrir e depois bater.



Bom, se Deus quiser, foi embora! Agora ela só tinha que conseguir se libertar. Ela se retorceu, enquanto se movia para ver Kevin. Estava ainda esticado em sua cadeira. Ele se retorcia! Seu rosto estava coberto de lágrimas, e o coração de Kate quebrou nesse momento.

O que tinham feito, deixando que esse homem entrasse em seus vidas? Ela ficou imóvel por vários minutos, enquanto esperava o coração se acalmar. Seus pulsos estavam tocando-se, e podia mover os dedos. Devagar, chegou até ele, tentando mover seus dedos o suficiente para alcançar o fecho de seus punhos.

Por fim, ela o tocou, e tentou abrir o fecho. Fez várias tentativas, mas finalmente, o fecho se abriu e ela pôde deslizar o anel através dele e ficou livre! Alcançando com as mãos trementes, ela desabotoou a mordaça ao redor de sua cabeça e a tirou.

—OH, Kevin! OH, Deus, Kevin! Está bem, querido? —sua voz se rompeu em um soluço. Rapidamente liberou seus tornozelos. Kate correu para cima do homem amarrado e desamarrou seus pulsos. Tirou a mordaça da boca de seu rosto cheio de lágrimas com dedos trementes. E logo pôs em liberdade seu torso e seus tornozelos.

—Kate, OH, Kate, doce Kate — Kevin estava chorando de verdade agora, como Kate. Eles deixaram de tentar consolar um ao outro com palavras, e cambalearam fora do quarto de jogos, seus braços ao redor um do outro.

Kevin gentilmente pôs Kate no sofá.

—Só sente-se aqui, por favor, querida. Eu vou apenas me assegurar de que esse bastardo se foi de verdade. E então te trarei uma garrafa de água.

À menção da água, a sede de Kate voltou de novo com mais vigor. O medo a tinha feito esquecer de sua necessidade.

Retornou um momento depois, com uma garrafa de água fria em suas mãos. Afundou-se ao lado dela e sussurrou.

—Me desculpe. Estou tão, tão triste, sinto muito.

Rompeu em soluços, sua cabeça no colo de Kate. Ela acariciou seus cachos loiros, enquanto murmurava como faria com um menino assustado durante a noite.





## *Capítulo Seis*

Tinha passado vários meses. A traição de Mark lhes havia deixado assustados e com cicatrizes. Eles descobriram para sua triste surpresa que se tornaram tímidos um com o outro. Kate descobriu que enquanto ainda amava Kevin, já não tinha certeza se confiava nele. Para entregar-se tão completamente e abertamente como fazia antes desse fatídico fim de semana.

Eles nunca voltaram a receber notícias de Mark. Ela e Kevin estavam de acordo que era melhor ter se libertado completamente dele. Eles não planejavam buscá-lo. Kevin disse que se livraram bem dele; nunca se atreveria a mostrar seu rosto de novo. Ele sabia que Kevin o mataria.

Kevin tinha pedido o perdão de Kate, e ela o tinha dado prontamente. Depois de tudo, Kevin era só culpado de mau julgamento. Certamente nunca quis feri-la, ou colocá-la em perigo. Ela o tinha perdoado de verdade.

Mas ela não podia esquecer.

Eles falaram sem parar no começo, sobre o que tinha acontecido e o que tinha saído errado. O tempo ficou definido como antes de Mark e depois de Mark. Kate notou como ele ainda controlava suas vidas, mesmo depois que tantas semanas tinham passado.

As algemas que ela tinha levado como um símbolo orgulhoso de sua submissão tinha sido retirado depois de que a briga com Mark tinham esquentado e queimando seus pulsos.

O piercing dos mamilos que tinha sido uma fonte de orgulho para Kate, se tornaram símbolo de seu medo. Ela despertava noite após noite, com os horríveis sonhos de Mark rasgando os anéis de sua carne, ou dando choques ao longo das barras de ouro levando-a a morte com um instigador grande de gado.

Kevin finalmente os tinha tirado por ela, dizendo a Kate que não queria que sofresse por suas lembranças e seus medos. Um dia, possivelmente, ela usaria as jóias outra vez. Mas seria porque ela quisesse, não porque Kevin exigisse. Ela estava agradecida por este gesto, e os



sonhos na realidade diminuíram, sendo cada vez menos freqüentes e tendo menos temor a cada vez.

No início, sua vida amorosa foi hesitante, cuidadosa. Os beijos de Kevin eram hesitantes, como se ele esperasse uma rejeição. E Kate era tímida, desejando só retirar-se e refugiar-se na segurança da solidão. Ela abertamente nunca o rejeitou, mas seu corpo se fechava, como uma flor que se fecha de noite, sobre si mesma para seu amparo.

E, entretanto, eles ainda amavam um ao outro. Kate pensou em mudar-se. Renunciar a sua vida de submissa mantida. Ela tinha um dinheiro economizado, para conseguir manter-se a si mesma outra vez, se decidia voltar para o mundo do trabalho e viver por sua conta. No entanto, ela descobriu que não queria partir. Apesar de que já não viviam como mestre e escrava preocupava-se profundamente pelo Kevin. De fato, ela o amava. Ela simplesmente não estava pronta para voltar para o que eles tinham.

E instintivamente Kevin pareceu entender que se ele queria voltar ao que tinha antes, ele tinha que lhe dar tempo. A princípio, amaldiçoou a si mesmo recordando os acontecimentos uma e outra vez, tentando entender como ele poderia ter estado tão cego, tão equivocado, quanto Mark e seu desequilíbrio mental e seus perigosos ciúmes.

Kate lhe suplicou que parasse, lamentando olhar ao homem que uma vez tinha sido seu amante dominante e prostrado sobre seus joelhos, metaforicamente falando.

Lentamente, eles se curaram.

Pouco a pouco, seus beijos, a princípio castos, quase como os de irmão e irmã, aqueceram. Se suas mentes estavam ocupadas com o trauma da visita de Mark, seus corpos recordavam suas curvas. A sensação doce e quente do pênis ereto de Kevin contra ela de noite. A curva fria e encantadora de seus seios, os mamilos gotejando com as pérolas de água na ducha.

Pouco a pouco, se tocaram. A princípio vacilante, muito cuidadoso. Mas então seus corpos começaram a redescobrir um ao outro. Para redescobrir a pele quente do outro, o beijo na incrível fusão de suas línguas. Suas mãos procuraram seus delicados pulsos, elevando seus braços sobre sua cabeça com cuidado, depois menos, com seu pênis. Pouco a pouco, eles



recordaram. Kate recordou a doce emoção de submeter-se às ordens do outro. Afundando-se de joelhos, abrindo sua boca como um bebê pronta para o leite de seu pênis. Recolhendo a força de vontade, a necessidade, Kevin começou a tomar o que oferecia, para exigir um pouco mais.

O que tinha sido tão leve antes de Mark, agora era sério, mas também mais especial. Era frágil, mas continha a promessa de força.

Uma fria noite de inverno encontrou Kate de joelhos nua diante da lareira. Kevin tinha acendido a lareira e as chamas crepitavam, enquanto iluminavam com uma cor alaranjada a sala. Velas colocadas aqui e ali ofereciam uma suave luz adicional, e o doce aroma do sândalo.

Tinha passado tanto tempo desde que eles haviam atuado como mestre e escravo. Kate queria estar agora aqui, nua e de joelhos. Kevin não tinha pedido sua permissão. Ele teria arruinado se tivesse pedido. Essa noite, quando tinha chegado em casa do trabalho, ela foi se ajoelhar nua na porta, como estava acostumada a fazer, antes de Mark.

Esta era a primeira vez. Kevin tinha comentado isso quando ela tinha parado na porta esperando por ele, mas não como uma recriminação. Em lugar de chegar à casa para seu anjo submisso nu, esperando com a cabeça abaixada e a vagina molhada por ele, ele a encontrava deitada talvez no sofá, lendo um livro, ou no jardim, cuidando suas lindas flores.

Nunca exigiu que voltasse para essa posição e esperasse sua chegada, com um chicote ao lado. Seus olhos estavam tristes, mas seu sorriso era verdadeiro quando lhe prometeu que entendia, e esperaria por ela.

Ela agradecia o indulto, e quase sentia que estava traindo seu acordo tácito de não apresentar-se submissa a ele.

Entretanto, ela tinha prometido que de agora em diante, honraria seu instinto. Talvez se ela tivesse estado mais aberta sobre seus pensamentos com Mark, as coisas não teriam ocorrido como fizeram. A submissão não era igual à passividade. Eles haviam aprendido bem esta lição.

Agora, ela se ajoelhava nua, com a cabeça para baixo, seu formoso cabelo ondulado, ocultando seu rosto.

—Kate — tinha sussurrado Kevin, enquanto deixava cair sua carteira. Ela ficou silenciosa, ainda perfeitamente, à espera de seu sinal. Ela sentia sua mão ligeiramente em sua



cabeça e a pôs de pé devagar, levantando seu elegante corpo, sustentando seu rosto para seu toque.

Brandamente ele tomou sua cabeça em suas mãos e se beijaram como se fossem novos amantes, explorando e reagindo com prazer e deleite. Logo, Kevin viu o chicote perto. O chicote vermelho que não havia sido tocado desde antes de Mark. Na verdade, nenhum deles queria entrar na sala de jogos nestes últimos meses. Mas ela deve ter entrado lá para fazer isso.

Apontando para o pesado chicote, ele sussurrou.

—Quer isto?

Kate acenou, enquanto sorria ligeiramente, e logo olhou para baixo. Apesar de tudo, seu corpo estava quente por seu beijo. Ela ainda recordava a doce e feroz alegria de uma surra dada amorosamente e recebida abertamente.

Kevin afrouxou sua gravata, e tirando, começou a desabotoar sua camisa, mas ela estava ali, seus dedos finos e longos passaram agilmente cada botão pelo buraco. Ela tirou a camisa aberta, pondo seus lábios em seu peito, beijando os cachos loiros escuros quando ela moveu sua boca sobre o seu ventre.

Ajoelhando-se, ela abriu seu cinto e puxou pelo cóis. Ela não iria mais longe, dependeria dele.

Em troca ela se ajoelhou, enquanto pegava o chicote em suas mãos, oferecendo-o, aberto, a seu amante.

Kevin o pegou, enquanto sentia a suave trança da camurça, deixando-a deslizar por seus dedos. Se Kate notou o ligeiro tremor em seus dedos, ela não o reconheceu. Ajoelhando-se, apoiando a cabeça no chão a fim de que seu cabelo caísse a seus pés. Oferecia-se, enquanto esperava o toque do chicote. Kevin deu uma volta atrás dela, enquanto sustentava o chicote em uma mão. Arrastou-o lentamente por suas costas nuas. Kate estremeceu ligeiramente, mas ficou na posição. Kevin retirou o chicote para trás, e o deixou aterrissar com um toque de couro contra sua suave carne.

Kate deixou escapar a respiração. Ele a golpeou de novo, mais duro, e Kate suspirou. Seu corpo recordava o chicote, amava-o, o queria. Kevin encontrou seu próprio ritmo, enquanto



amava o som do couro contra a pele, olhando como mudava a cor da pele do pêssego cremoso à rosa escuro. Quando seu pênis não pôde suportar mais a tensão, abriu suas calças, saindo dela e apartando-a a chutes longe, junto com sua cueca. Bem ali no vestibulo, Kevin se agachou atrás da moça ofegante e apertou sua ereto pênis contra sua entrada, se sentia pronta e lisa para ele. Entrando nela, seu pênis se embainhou em sua estreiteza aveludada quase virginal, suspirou.

—OH, Katie — suspirou ele, com o coração cheio — OH, meu amor.

Kate se arqueou contra ele.

—Foda-me! OH, por favor, foda-me! —a necessidade primária converteu Kate em uma coisa selvagem. Não havia nada que não faria por seu amante nesse momento. Kevin agarrou os quadris de Kate, metendo-se nela, usando-a, perdido nela. Eles caíram juntos, desmoronando no chão, a carteira de Kevin e sua roupa descartada, esquecida. Eles ainda estiveram durante alguns minutos, sem pensar no Mark.





## *Capítulo Sete*

Kate estava na cadeira do diabo. Ele não lhes roubaria nada. Eles recuperariam suas vidas. E a encantadora ironia é que agora eles queriam o que compartilhavam, e verdadeiramente apreciavam como um dom o que eles tinham, e não como um direito.

As grossas cintas de couro negro brilhavam quando as ataram por cima de seus seios, sobre os pulsos, nas coxas e nos tornozelos. Kevin se ajoelhou aos pés de Kate, sua boca enterrada em sua doce vagina. Suas coxas estavam marcadas onde ele acabava de açoitá-la, e o calor dos açoites tinha despertado um febril ardor que dava voltas enquanto ele a beijava e jogava com ela.

Rapidamente Kevin a desatou, levantando seu anjo da cadeira e pondo-a com cuidado sobre o suave tapete.

—A quem pertence? —perguntou-lhe em voz baixa.

—A você! Só e sempre — lhe sussurrou de novo.

Sustentando-se levantado, longe do corpo por seus fortes braços, Kevin entrou devagar nela, seus corpos só se tocavam em seus genitais. Ela estava molhada e aberta para ele, tomando-o em seu túnel aveludado, quente, gemendo um pouco quando ele a encheu.

Kevin baixou aliviado e levantou seus braços por cima de sua cabeça, sujeitando-a pelos pulsos, reclamando-a completamente.

Eles fizeram amor lentamente, e Kate sentiu que o mundo parou. Os últimos vestígios do pesadelo que Mark havia deixado, desapareceram dela, perdida no redemoinho de um delicioso orgasmo que a deixou quase inconsciente. Quando se recuperou, sentiu uma pequena gota de água que salpicava seu rosto. Uma lágrima?

Seus olhos se abriram e ela elevou a vista a seu enorme e forte amante. Uma segunda lágrima caiu rodando por sua bochecha e aterrissou com um plaf sobre seu queixo.

—Kevin?

Ele recostou seu rosto em seu pescoço, abrigando seu corpo nu ao redor do dele.

*A face da submissão*



*Claire Thompson*

—Não se preocupe, meu amor — lhe assegurou ele — Estou tão feliz. Sinto muito o que aconteceu, mas também tão alegre de termos um ao outro — ele sorriu através de suas lágrimas e risada, prometendo— São lágrimas de alegria.